

Sementes de seu Araújo



MEMÓRIA VIVA
DE UM HOMEM
EXTRAORDINARIAMENTE
COMUM



Ser nora de Seu Narcides sempre foi motivo de orgulho. A gente aprendia muito com ele, não só por ser um homem de palavra, mas também de muita escuta. Muitas vezes, ele chegava quieto, caladinho na dele, observava tudo e, no momento certo, trazia sua contribuição, que fazia toda a diferença.

Tinha o dom de ensinar na maior calma, mas, se precisasse, bastava uma olhada dele e a gente já entendia o recado na hora! Sabia também ser divertido, com aquele humor que aparecia do nada, no momento certo. E esse jeito generoso dele era para todo mundo, da família aos vizinhos e amigos.

Para nós, foi muito bom ver esta homenagem acontecer. A família toda se juntou, cada um trazendo uma foto, uma lembrança, uma história. A gente percebeu que não estava só lembrando, mas vivendo tudo de novo: era um contando um caso antigo que os filhos

nem sabiam, um amigo falando de uma ajuda que ele deu e que nos enchia de orgulho, um neto lembrando uma brincadeira do avô que fazia todo mundo cair na risada.

Assim, todos reunidos, fomos criando este álbum de recordações da sua vida, uma vida que ele construiu ao lado de Dona Nilza, com amor e parceria, sempre.

Foi um livro feito com afeto, e ter ajudado a construí-lo nos deixa muito felizes.

Com carinho,

Bila e Eveline



Sementes de seu Araújo

Recife, 13 de agosto de 2025



*Maria Laura, Antônio Jorge e Maurício
com Mona Lisa Dourado*

Copyright © Sementes de Seu Araújo, 2025

Todos os direitos reservados à EuEscrevo Editora, um selo da Samucartum Produções.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da editora e da família Araújo. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Concepção, coautoria e pesquisa: **Maria Laura, Antônio Jorge e Maurício**

Projeto editorial, entrevistas, escrita e edição: **Mona Lisa Dourado**

Projeto gráfico, capa e ilustração: **Samuca Andrade**

Fotografias: **Acervo da família Araújo**

Impressão: **Gráfica Liceu**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sementes de seu Araújo : memória viva de um homem
extraordinariamente comum / Maria
Laura...[et al.]. -- Recife, PE :
Samucartum, 2025.

Outros autores: Antônio Jorge, Maurício com Mona
Lisa Dourado.
ISBN 978-65-984735-5-6

1. Araújo, Narcides Andrade de, 1925-2011
2. Família - História 3. Histórias de vida
4. Sabedoria I. Laura, Maria. II. Jorge, Antônio.
III. Maurício. IV. Dourado, Mona Lisa.

25-289453

CDD-920.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Homens : História de vida : Biografia 920.71

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

SUMÁRIO

Apresentação	9
Entre memórias e saudades, escreve-se uma homenagem!	11
 O PERSONAGEM: Quem foi Seu Araújo?	13
Menino de engenho	16
Traduzindo a guerra	18
O amor sob as asas da Panair	19
Ética e seriedade como marca registrada	21
De Macaparana à Revolução Francesa	23
Pensamento e fé nas pessoas	24
Afeto em atos de serviço	25
Descascar mais, desembulhar menos	26
Sementes de jerimum	27
Seu Araújo digital	29
Cada um com as suas contradições	31
Para os netos, com carinho	32
Despedida em dois tempos	33
O coração que habita	35
 OS CAUSOS: Histórias vividas com Seu Araújo	37
A volta triunfal de Maroca	39
Almirante de açude	40
Passeio poético	41

O clássico da técnica e da disciplina	42
O selinho de cada dia	42
De bênção em bênção	43
Doido nada. É meu marido!	44
Homem que chora... ..	45
De parto de raposa a atracagem de navio	46
Guia de pequenas grandes aventuras	46
Motorista para andar a pé	48
Xô, ladrão!	48
O menino do sapato e a dívida de confiança	49
O dia em que os sapos voltaram a coaxar	50
Memória viva	52
Casa de livros e de palavra	52
A sabedoria no retrovisor	53
A ignorância sobre o maxixe	55
Fígado indigesto	55
O dedo em riste do professor	56
A pimenta milagrosa	57
Chegou Carol!	58
Se fosse preciso, ele subia até em coqueiro	58
Sunomono temperado com sabedoria	60
A presença muda no aeroporto	61
Um avô digno da Nasa	61
Miguel de Cervantes e a Rua Padre Roma	63
O jumento que não precisava de alinhamento	64
Presente não é carro: é palavra que não se quebra	65
Nada como os Beatles para unir gerações	67
O dial que girava o mundo	68
Rede de afeto	69
Puro suco de vida	69

O contador de causos corporativos	70
A mesa dividida com Seu Araújo	70
Lição de sustentabilidade	71
Canção de ninar para abacaxizeiro	72
A carreira sindical mais curta da história	73
O dia em que Seu Araújo aposentou a Olivetti	74
Amizade e trabalho misturados	76
Esqueceram de mim	77
Onde a terra ouve, ele planta palavra	78
Com Seu Araújo, ninguém andava só	80
Sementes de amizade	81
O tio que pensava adiante	82
Um oceano de palavras em mais de 25 anos de correspondência	84
A palavra do dia	85
Na porta da igreja, o sermão era dele	86
Se eu quiser falar de Deus	87
Trilha sonora da generosidade	88
Bondade sem alarde	89
Isso que é um padrinho	90
De enchente a coqueiro anão, histórias regadas a suco Maguary	91
O milagre do carro ressuscitado	92
Um mar de assunto nos verões de Maria Farinha	93
No embalo da rádio siesta	95
Finitude com altivez	96
O último “Tchau, Narcides”	96
Dois pés de saudade	97
 ÁLBUM DE FAMÍLIA	 99
Agradecimentos	128



APRESENTAÇÃO

Se essa fosse uma história comum, a gente não contava.

Mas acontece que Narcides Andrade de Araújo – mais conhecido e respeitado como Seu Araújo – era um desses personagens que, se não tivesse existido, teria que ser inventado.

Nasceu em engenho de cana-de-açúcar da Zona da Mata de Pernambuco, atravessou a Segunda Guerra Mundial falando inglês com marinheiro ianque, encontrou o amor de toda uma vida sob as asas da Panair do Brasil, fincou roçado em quintal de apartamento, inventou negócio de semente de jerimum e, quando pensa que acabou, ainda se espalhou feito raiz de gameleira nas pessoas que cruzaram seu caminho.

Tivesse ele chegado até nossos dias, completaria 100 anos em 13 de agosto de 2025. Entretanto, quis o destino que partisse deste mundo em 11 de abril de 2011. Deixou um solo bem adubado de ensinamentos e um convite incontornável a cultivar o bem.

Os causos que permearam a sua vida e que ele mesmo adorava contar pediam um enredo à altura da sua dimensão. Por isso, os três filhos – Maria Laura, Antônio Jorge e Maurício – decidiram presentear familiares, amigos e futuras gerações com esta publicação comemorativa, que honra a sua memória e perpetua o seu legado.

Este livro foi escrito em duas seções que se entrelaçam como os troncos de um cajueiro frondoso. A primeira traça um perfil biográfico, registrando origem, percursos, vínculos, qualidades e contradições apontadas por quem partilhou a trajetória desse homem, ao mesmo tempo, comum e extraordinário. Já a segunda reúne episódios verídicos e peripécias com um quê de realismo mágico relatados por parentes, amigos, vizinhos e parceiros de trabalho.

Desejo que o fio dessa prosa, embalada pela memória afetiva, conduza você.

A narrativa que se segue foi regada com riso, lágrimas, frutas descascadas e ternura bruta, ingredientes capazes de devolver o mundo à grandeza das pequenas atitudes, aquela que só pessoas como Seu Araújo podem revelar.

Mona Lisa Dourado | EDITORA

ENTRE MEMÓRIAS E SAUDADES, ESCREVE-SE UMA HOMENAGEM!

Este livro nasceu de um desejo e de uma emoção comum entre nós: celebrar os 100 anos de nascimento de nosso pai, Narcides Andrade de Araújo – o querido e inesquecível Seu Araújo.

Tudo começou como um projeto simples: reunir memórias, registrar causos, preservar histórias. Mas logo percebemos que o que estávamos construindo era muito mais do que um livro. Era um reencontro com ele, com a família, amigos – e, de certa forma, conosco mesmos.

Foram muitos os encontros na casa de Lala, tardes e noites entre cadernos antigos, cartas, documentos, fotografias espalhadas na mesa, relatos emocionados, boas risadas, e até algumas lágrimas inesperadas. Familiares, amigos e parceiros de caminhada foram generosos em suas contribuições. Cada um trouxe uma peça do quebra-cabeça. Juntos, fomos desenhando o contorno de um homem que semeou, com simplicidade e firmeza, um legado que continua florescendo em todos nós.

A homenagem se completa quando dirigimos também o nosso carinho e gratidão à nossa mãe, Dona Nilza. Parceira de toda uma vida, com quem papai dividiu décadas de convivência, de contrastes complementares e de amor silencioso, constante. Eles partiram com poucos dias de diferença, como se – mesmo no fim – preferissem estar juntos. É assim que queremos lembrar deles: lado a lado.

Houve momentos de dúvida, de cansaço, mas também de muita alegria. Reescrevemos frases, trocamos ideias, discordamos em detalhes e nos unimos no essencial. Houve descobertas surpreendentes, lembranças que vieram como lampejos e a alegria de ver o passado se recompor com cor e voz.

Mais do que uma biografia, esta é uma celebração afetiva. É uma travessia pela memória, guiada pelo amor, pelo respeito e por um sentimento profundo de gratidão.



Foi um trabalho artesanal, feito com o cuidado e o afeto que papai dedicava a tudo que tocava, equilibrado pela leveza e pelo acolhimento de mamãe.

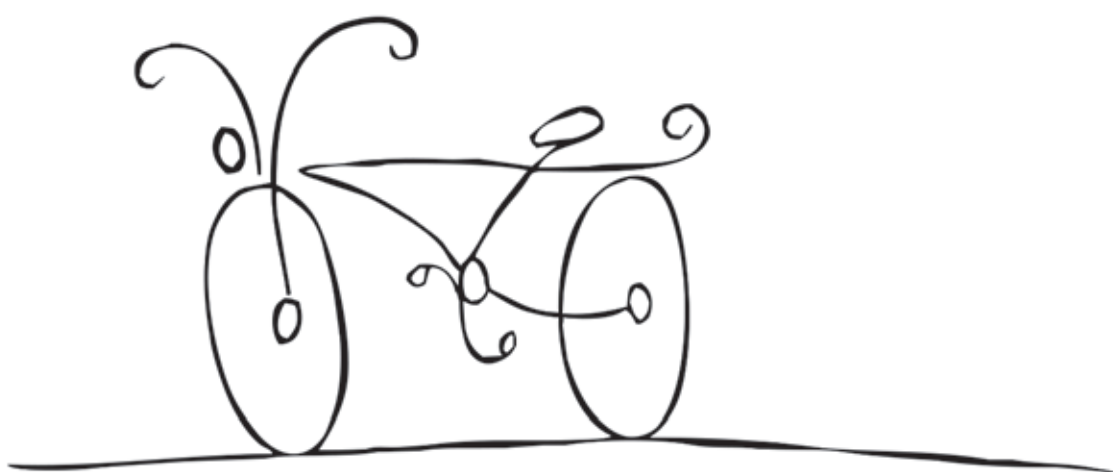
Aos que contribuíram com lembranças, documentos, fotos, causos e presença, o nosso muito obrigado. Aos que vão ler este livro com o coração aberto, o nosso convite: deixem-se tocar pela vida de um homem comum que, justamente por isso, se tornou extraordinário. E por essa mulher, que marcou nossa vida com doçura.

Queremos também expressar nossa gratidão a Mona Lisa e Samuca, que trabalharam com sensibilidade, paciência e competência para colocar tudo isso nessas páginas. Com eles, o que era lembrança virou narrativa viva. Com eles, o que era saudade virou livro.

Quem conheceu Seu Araújo sabe: ele não queria aparecer. Queria apenas plantar. Como filhos e herdeiros dessa lição, estamos aqui, colhendo, repartindo e replantando suas sementes. Com ele. Com ela. Com todos.

Com emoção e alegria,

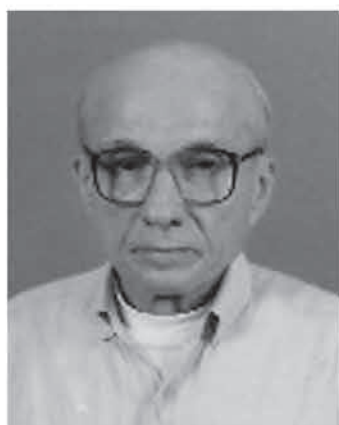
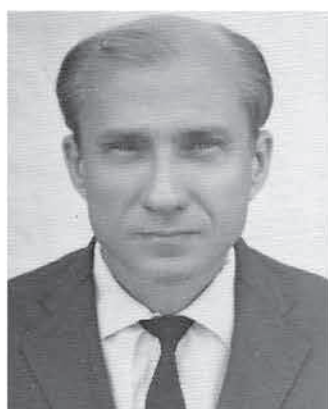
Maria Laura, Antônio Jorge e Maurício



O PERSONAGEM

QUEM FOI SEU ARAÚJO?





Seu Araújo não nasceu. Foi plantado. Com raiz funda, tronco firme e sombra generosa.

Carregava no corpo de 64 quilos um coração largo e um espírito que não cabia em moldura. O jeito era manso. A fala, comedida. O humor, sutil.

Vestia-se como quem respeita a rotina e a si mesmo. Camisa de botão, calça social, boina clara, sapato gasto de tanto caminhar, uma elegância discreta, em tons de cinza, branco e bege, que refletiam sua alma organizada. Era desses que se fazia notar não pela altura da voz, e sim pela segurança das atitudes. Tinha modos antigos, de quem aprendeu com o tempo a não desperdiçar nem palavra nem comida nem gentileza.

Como era mais velho que quase todos, acabou virando referência: o tio e irmão mais experiente, o patriarca, conselheiro dos sobrinhos e dos amigos dos filhos. Tinha a fala arrojada, cheia de desvios e causos, mas quando chegava ao ponto, ensinava mais que qualquer cartilha.

Ganhou o apelido de “Seu Araújo” nos corredores do trabalho, onde o respeito antecedia o nome. Homem prático, competente e responsável, daqueles que conquistam pelo exemplo.

A história que se conta agora é a de um brasileiro comum e, por isso mesmo, extraordinário, que fez da simplicidade uma forma de sabedoria.

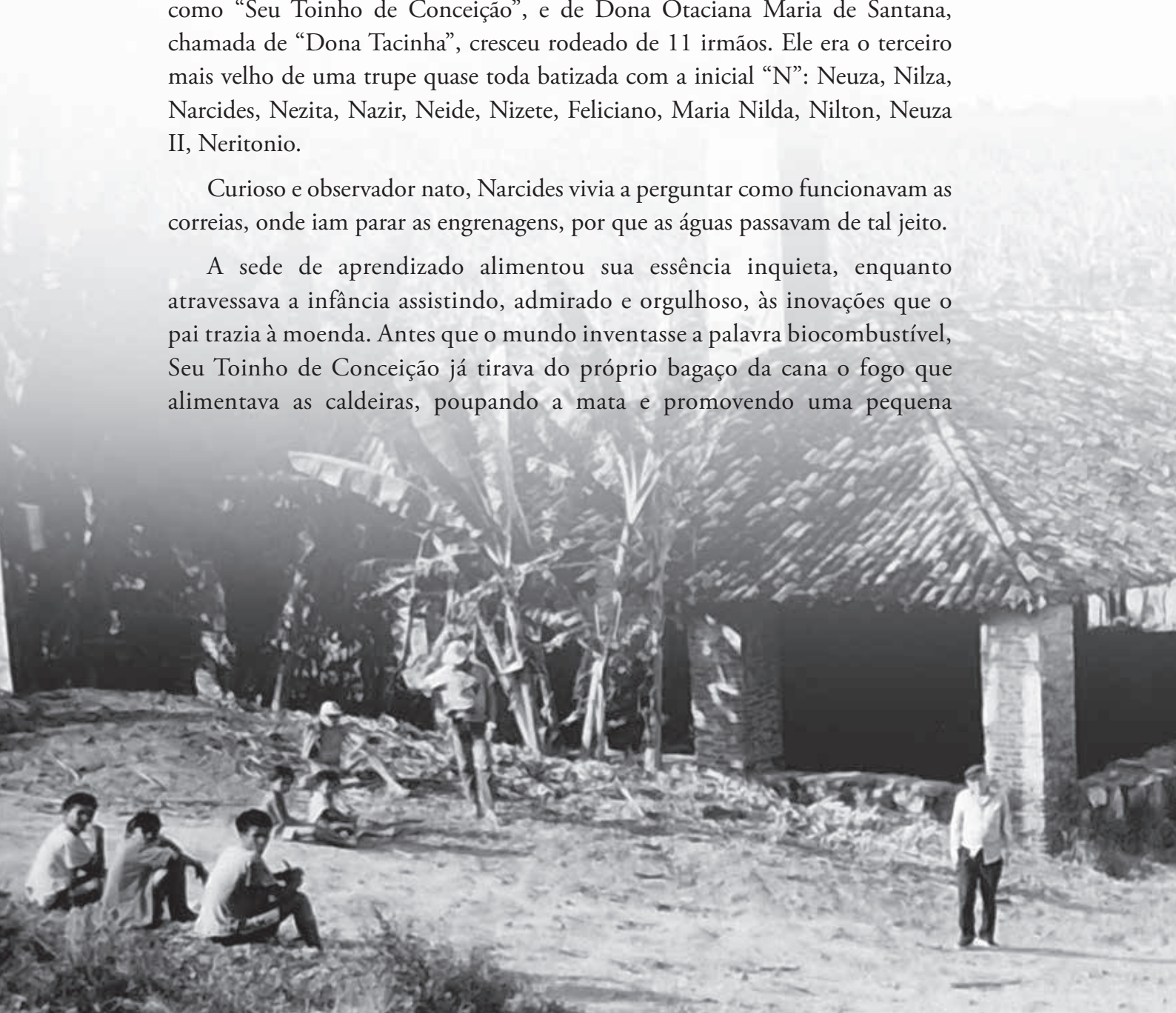
MENINO DE ENGENHO

O menino Narcides Andrade de Araújo veio ao mundo em 13 de agosto de 1925, um dia qualquer do calendário, mas que a natureza soube marcar com abundância de vida. Foi criado no Engenho Conceição, no distrito de São Vicente Ferrer, hoje município de Macaparana, na Zona da Mata Norte de Pernambuco. Ali onde o verde é mais verde e o relógio parece correr mais devagar, logo aprendeu a lidar com a terra, o roçado e os bichos, antes mesmo de balbuciar as primeiras palavras.

Filho do senhor do engenho, Antônio Jorge de Araújo Pereira, conhecido como “Seu Toinho de Conceição”, e de Dona Otaciana Maria de Santana, chamada de “Dona Tacinha”, cresceu rodeado de 11 irmãos. Ele era o terceiro mais velho de uma trupe quase toda batizada com a inicial “N”: Neuza, Nilza, Narcides, Nezita, Nazir, Neide, Nizete, Feliciano, Maria Nilda, Nilton, Neuza II, Neritonio.

Curioso e observador nato, Narcides vivia a perguntar como funcionavam as correias, onde iam parar as engrenagens, por que as águas passavam de tal jeito.

A sede de aprendizado alimentou sua essência inquieta, enquanto atravessava a infância assistindo, admirado e orgulhoso, às inovações que o pai trazia à moenda. Antes que o mundo inventasse a palavra biocombustível, Seu Toinho de Conceição já tirava do próprio bagaço da cana o fogo que alimentava as caldeiras, poupando a mata e promovendo uma pequena



revolução, com autossuficiência de energia e economia de recursos.

O menino via o seu herói do campo recolher o resíduo, prensá-lo de novo, secar ao sol e devolvê-lo à fornalha convertido em brasa, num ciclo que hoje chamariam de economia circular e que, para ele, era só bom senso. Percebeu, então, que nada se perde quando se respeita a natureza. Semeado no coração de um garoto, esse princípio de sustentabilidade brotaria vida afora.

Com a mesma voracidade por conhecimento, absorveu cada lição de português, tabuada e ciências passada na ponta da língua por uma professora que morava no engenho. Desde muito cedo, entendeu que o saber abre caminhos e o gosto pelos livros nunca mais o deixou. Autodidata desses que nunca se aquietam, aprendeu até a falar inglês sozinho, numa época em que os cursos de idiomas eram raros e o único contato mais vivo com a língua vinha das transmissões que a BBC britânica começou a mandar para o Brasil em 1938 e ele ouvia em um rádio de ondas curtas. Para aprimorar a fluência, o jovem Narcides também lia a Bíblia em inglês, copiava letras de música e, assim, ia traduzindo a realidade ao seu modo.

Aos 18 anos, quando a mocidade pedia asas, saiu daquele vale cercado de montanhas, como ele dizia, e tomou o rumo do Recife. Deixou o mato, mas o mato não saiu dele.

Com o coração cheio de saudade, instalou-se numa pensão perto do Hotel Central, no bairro da Boa Vista. Entre o vai-e-vem de bondes e o burburinho da cidade grande, começou a escrever outro capítulo da sua história.



TRADUZINDO A GUERRA



Chegou para estudar e prestar serviço militar. Serviu no Tiro de Guerra do Exército. No entanto, acabou sendo convocado para uma missão maior. Virou intérprete das tropas da Marinha dos Estados Unidos (US Navy Army) durante a Segunda Guerra Mundial, quando o Recife se tornou entreposto de navios, aviões e clubes de quartel, como registra a historiografia da presença ianque no Nordeste. Era um feito que parecia inimaginável para um rapaz que, até então, tinha o engenho como mundo. Foi na caserna que ganhou o apelido de “Jackson”, porque ninguém conseguia pronunciar “Narcides”, um verdadeiro trava-línguas para os gringos.

Não importava a identidade, ele tomava notas, ouvia locuções, decifrava manuais, redigia comunicados e enriquecia o vocabulário. Trabalhava de dia, estudava de noite e, quando dava, ainda ensinava inglês para os que não sabiam. Acabou dominando o idioma de forma tão completa que, tempos depois, conquistou o Certificado de Proficiência pela Universidade de Michigan.

Estudar sempre foi verbo que conjugou com dedicação e persistência. Entre os muitos cursos, ao longo da vida, formou-se técnico de contabilidade, fez licenciatura em inglês pela Universidade Católica de Pernambuco e especializou-se em Treinamento para Professores de Inglês pela Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos.

A família não tardaria a vir encontrar Narcides na capital. Por causa das dificuldades do negócio e também movido pelo desejo de que os outros filhos pudessem aprofundar os estudos, Seu Toinho de Conceição e Dona Tacinha arrendaram o engenho, juntaram as economias e subiram com a mudança e a prole toda num caminhão rumo à Rua Dona Elvira, número 161, no bairro da Encruzilhada, na Zona Norte do Recife.

O AMOR SOB AS ASAS DA PANAIR

A esta altura, Narcides já alçava novos voos. Finda a guerra, foi trabalhar na Panair do Brasil, a mais importante empresa de aviação do país na época. Justamente no balcão dessa companhia aérea que vendia aos brasileiros o sonho de voar, Narcides topou com a moça destinada a acompanhá-lo em uma viagem de quase seis décadas: Nilza Freitas de Araújo, nascida em 3 de junho de 1928, no município de Vitória de Santo Antão, na Zona da Mata Norte de Pernambuco.

Ela era embaladora, órfã de mãe no parto, órfã de pai aos 13 anos, criada por Dona Inácia, amiga da família, que lhe ensinou a fiar coragem na ponta da agulha. Ele, um despachante detalhista, calado e firme. Bastou um pedido de formulário, um pedaço de conversa encabulada, e os dois encontraram um no outro o seu porto seguro.



Casaram-se em 28 de junho de 1951. Três anos mais nova, Nilza era a antítese luminosa de Narcides, a flor onde ele era raiz. Gostava de riso, de dança e de viver o presente com intensidade. Ele, de silêncio, quietude e serenidade, sempre planejando o futuro. Apesar do contraste de temperamentos, como toda boa dupla, aprenderam a chegar em um ponto de equilíbrio: ela insistindo que a vida pede festa, ele cedendo na medida das suas limitações.

Começaram a vida a dois numa pensão em frente ao Colégio Agnes, no bairro das Graças, onde nasceu a primogênita, Maria Laura.

Depois alugaram uma casinha próxima ao açude em Apipucos. Faltava geladeira, sobrava invenção para estocar os alimentos sem deixar nada se perder.

Mais adiante, voltaram para as Graças. Passaram a morar em um apartamento térreo, onde Seu Araújo fez do quintal uma mini granja. Tinha galinha, tinha pato e tinha também pé de jambo, caju, goiaba, romã e até cana-de-açúcar. Ali vieram ao mundo Antônio Jorge e Maurício. Sentindo falta de um teto que pudesse chamar de seu, mesmo à base de sacrifício e empréstimo, o casal conseguiu a primeira tão sonhada casa própria. Um apartamento de dois quartos em um prédio-caixão no Parnamirim. Por fim, estabeleceram pouso definitivo no Edifício Villa Vinhedo, na Rua Gildo Neto, transversal da Rua Padre Roma, próxima ao Parque da Jaqueira, no bairro da Tamarineira.

Além dos três filhos, Narcides e Nilza receberam no colo seis netos: André e Mariana (filhos de Maria Laura e Márcio), Carol e Pedro (filhos de Maurício e Bila), Artur (filho de Antônio Jorge e Eveline) e Paulinho (filho do primeiro casamento de Eveline). Essa descendência florida ainda gerou os bisnetos Bernardo e Mateus, filhos de Carol, que não chegaram a conhecer, mas dos quais certamente se orgulhariam.



ÉTICA E SERIEDADE COMO MARCA REGISTRADA

Narcides ficou só um ano na Panair do Brasil, o suficiente para conhecer Dona Nilza e selar o início da trajetória que duraria toda uma vida. Depois, começou de fato a construir a longa estrada profissional que lhe renderia respeito e reconhecimento. Foi de tudo um pouco, e tudo com excelência nas grandes empresas em que trabalhou. Atuou durante mais de 12 anos na Carvalho S/A e ficou alguns meses na Fosforita Olinda até estabelecer-se nas Indústrias Alimentícias Maguary, do Grupo Tavares de Melo, onde permaneceu por quase cinco décadas.

Foi no ambiente corporativo que começou a ser chamado por todos, com naturalidade e estima, de “Seu Araújo”. O nome virou sobrenome afetivo, sinônimo de confiabilidade. Era o senhor pontual, metódico, que falava inglês melhor que muito nativo e escrevia memorandos com precisão cirúrgica. Sabia lidar com processos de importação e exportação como poucos, sendo reconhecido pela seriedade, ética e compromisso. Não por acaso, é citado em publicações como *O Homem da Casa-Navio: história de uma época*, biografia de Ademar da Costa Carvalho, proprietário da Carvalho S/A; e também no livro *Família Tavares de Melo: história e valores*.

Ao longo da vida, Seu Araújo tornou-se um profundo conhecedor de comércio exterior. Viajou para fora do país a trabalho. Foi à Alemanha, aos Estados Unidos e ao Canadá, mas mantinha os pés fincados no chão. Na visão dele, após cumprir o dever, a melhor viagem era voltar para casa.

Pegava sempre no batente cedinho, de segunda a sexta, e só parava no fim do expediente, com a mesma disposição de quem achava que descanso era artigo de luxo.



Nos fins de semana, não se recolhia: usava as horas livres para se dedicar a tarefas produtivas e à família, sempre encontrando um jeito de ensinar algo a alguém.

Seu projeto de vida, anotado no currículo que escreveu já aos 80 anos, era tão simples quanto revelador: “Continuar a trabalhar”. Cumpriu essa missão com a mesma fidelidade com a qual mantinha o peso estável desde os 18 anos. Foram seis décadas com 64 quilos e sem ficar um dia sequer parado.

Nas empresas por onde passou, nunca deixou um rastro de disputa ou desafeto. Criava amigos, não intrigas. Tinha postura ética, educação rigorosa e uma compaixão sincera, fosse com operários ou dirigentes. Sabia se fazer respeitar sem precisar levantar a voz. Trabalhava calado e deixava tudo mais organizado do que ao chegar. Era, de fato, um homem incansável.

Ao lembrar de Seu Araújo nesse ofício diário, é impossível dissociar o profissional do ser humano. Cumpria a rotina com rigor e leveza, como se cada tarefa, por menor que fosse, merecesse cuidado. Nada era realizado com pressa. Tudo tinha propósito. Entrava nos lugares feito quem planta e deixava frutos.

Mesmo depois de décadas de trabalho formal, Seu Araújo não soube – ou não quis – se aposentar da vida. Para ele, parar era desistir, e ele nunca se rendeu. Continuava saindo de casa cedo, mesmo sem ponto a bater. Continuava anotando preços em cadernos, mesmo sem chefe a cobrar. Continuava consertando coisas, mesmo quando ninguém mais achava que havia conserto. A rotina, para ele, era um compromisso sagrado. Não com o relógio, e sim com o mundo.

Na mesma medida em que era prático, era profundo. Um observador do cotidiano e das estruturas. Estudioso, meticoloso, guardava anotações como se arquivam verdades: tabelas de inflação, recortes de jornais, discursos anotados à mão, gráficos feitos a régua e compasso. Tinha cadernos numerados com orçamentos, cálculos de consumo e projeções de gastos públicos. Era um questionador que queria um país mais justo, que investisse em educação, livre do desperdício e da corrupção, como defendeu em seu brilhante e atual discurso de formatura no curso técnico em contabilidade, em 1957.

DE MACAPARANA À REVOLUÇÃO FRANCESA

Era um Google antes da internet. A qualquer dúvida que surgisse de geografia, história, política, gastronomia, latifúndios ou revoluções, lá vinha ele com explicações detalhadas, numa prosa que começava em Macaparana e ia terminar na Revolução Francesa, fazendo rodeios e pitadas de humor para garantir que todos entendessem. Nunca respondia de forma seca. Respondia contando o mundo.



No dia a dia, era econômico e cuidadoso. Não gastava um centavo sem calcular. Tampouco jogava fora o que ainda podia ser consertado. Quando Dona Nilza se desfazia de algo muito velho, ele perguntava: “Cadê meu sapato furado?” – e a discussão estava armada. Tudo, para ele, tinha que ter utilidade, lógica, reaproveitamento. O desperdício, assim como a ostentação e o luxo, era pecado grave. Por isso, vivia em paz com o essencial e encontrava riqueza nas coisas simples: o sol da manhã, o cheiro de hortaliça no quintal, o som do velho radinho onde escutava as notícias do mundo em ondas curtas.

Seu lado visionário o levou a praticar, antes que se tornassem bandeiras globais, ideias de desenvolvimento sustentável, agricultura familiar, alimentação natural e cuidado com o meio ambiente. Ele mesmo dizia que não era preciso ter terra no próprio nome para querer semear a terra do mundo. Tinha essa essência de sem terra. Fazia de cada lugar por onde passava o seu quintal. Plantava cenoura, colhia coentro em latas, e assim deixava marcas de verde por todo lado. Um homem de muitas terras, mesmo sem ter terra alguma, porque tudo na vida, para ele, era semente que se espalhava.

Foi também síndico do prédio onde morava, função que assumiu com o mesmo senso de justiça e cuidado com o coletivo que dedicava à família e ao país. Tinha uma caixa de ferramentas que mais parecia um tesouro. Também era um exímio amolador de facas. Se alguém precisava de ajuda, ele emprestava, resolvia, consertava. Viver em comunidade, para ele, era dever cívico.

PENSAMENTO E FÉ NAS PESSOAS

Frequentador da igreja presbiteriana, encarava o ambiente como espaço de convivência e comunhão. Gostava mesmo era de encontrar os parentes e amigos, colocar a prosa em dia e identificar oportunidades de ajudar quem mais precisava.

Se não necessariamente no templo, era no dia a dia que Seu Araújo colocava os ensinamentos de Cristo em prática, no seu compromisso com o bem comum. Ele acreditava na espiritualidade como serviço, não como espetáculo. Preferia o caminho da justiça social como um instrumento de transformação do mundo, a começar pelo seu próprio quarteirão. Acreditava desde sempre que a vida é um presente de Deus e que, dentro dela, sempre cabe uma bondade. Era um homem de poucas palavras, mas de feitos grandiosos, desses que não precisam de alarde nem de aplausos para deixar sua marca. Preferia a doação reservada e sem testemunhas.

Homem de pensamento e de fé nas pessoas, pelas suas crenças e atitudes, era um verdadeiro humanista, crítico e interessado nas questões sociais e políticas. Admirava Mahatma Gandhi, Caio Prado Júnior, Josué de Castro, Dom Helder Câmara, Nelson Mandela, Celso Furtado, Paulo Freire, Darcy Ribeiro e tantos outros intelectuais.

Escrevia sobre isso nas cartas que trocou ao longo de mais de 30 anos com o amigo norte-americano Joseph Trosper, que conheceu na Marinha americana e chegou a ir visitar nos Estados Unidos, única vez, aliás, que Dona Nilza saiu do Brasil. Na correspondência, dissertava sobre desigualdade, criticava o latifúndio e elogiava o livro *Geografia da Fome*. Repetia sempre que o problema do Brasil não era a falta de comida, e sim a má distribuição da terra e da renda. Nutria a certeza de que o Brasil poderia ser grande, se valorizasse sua gente.

Nem sempre pôde expressar livremente o que pensava. Em 1964, quando o golpe militar mergulhou o país em sombras, Dona Nilza, temerosa, queimou alguns de seus livros. Receava que as ideias avançadas do marido o colocassem em risco. Ele sentiu, calou, não aprovou, mas compreendeu. Continuou lendo, estudando, refletindo, somente com um pouco mais de cautela. Argumentava com base, com causa, com profundidade.

Para Seu Araújo, não era preciso muito para ser feliz. Bastavam trabalho, honestidade e cuidado com o próximo. E disso ele nunca abriu mão.

AFETO EM ATOS DE SERVIÇO



Ajudou muita gente: parentes em dificuldade, vizinhos adoentados, conhecidos e até desconhecidos. Enviava doações ao Instituto de Cegos de Pernambuco com a mesma naturalidade com a qual consertava um rádio de um vizinho do prédio ou trocava a corrente da bicicleta de um sobrinho. Também não era raro bater na porta de um amigo em situação difícil levando um pacote de frutas, uma conversa breve, uma palavra de

ânimo. E partia como chegava: deixando no ar a impressão de que havia passado um anjo de boné claro por ali.

Sua vida financeira modesta nunca o impediu de praticar a generosidade, que ele chamava de “fazer o bem”. Nunca acumulou fortuna. Preferia repartir. Por isso, trabalhou até tarde, muito além da idade em que a maioria já pendurou as chuteiras. Nem por isso se queixava. Quando alguém perguntava se não cansava, apressava-se em responder:

– Enquanto a gente pode, a gente trabalha.

Essa mesma lógica se aplicava à sua forma de demonstrar sentimentos. Embora sério e contido, jamais lhe faltou ternura. Só que a ternura dele era prática, concreta, feita de ações. Manifestava carinho como se resolve um problema: levava lanche ao hospital, comprava medicamentos, cuidava do quintal do prédio. Pagava contas de parentes em dificuldade sem comentar. Se havia afeto, era traduzido em serviço, em ação, em solução.

Seu Araújo preferia o fazer ao dizer. Seus filhos e netos lembram das visitas a irmãos fragilizados, a tios doentes, quase sempre com um radinho de pilha em mãos ou uma fruta escolhida a dedo. Um presente simples, mas cheio de intenção. A linguagem do amor, para ele, era o cuidado sutil, a antecipação às necessidades, a proteção silenciosa.

DESCASCAR MAIS, DESEMBRULHAR MENOS



Outra característica marcante era sua relação com os alimentos. Tinha mania de descascar frutas: coco verde, jaca, laranjas e cana. Deixava tudo pronto, cortado, cheiroso, empilhado em bandejas coloridas na geladeira, como quem monta relicário doméstico. Fazia o mesmo na casa dos outros, sem pedir licença.

Apenas deixava, induzindo, com gentileza mal disfarçada, a uma vida mais saudável. Para ele, nutrição era respeito. Comer bem era uma atitude política, espiritual e familiar. Uma forma de dizer: “Me importo com você”.

Se flagrasse alguém ingerindo comida ultraprocessada, fazia um sermão certeiro. Falava sobre sódio, conservantes, vísceras da indústria alimentícia. Discursava com propriedade, citava estudos, contextualizava o surgimento de cada ingrediente. Era, mais uma vez, seu lado professor que emergia sem querer. Ou querendo? “Descascar mais, desembulhar menos” era o lema, muito antes de entrar na pauta do dia.

A relação íntima com a comida era expressada também na sua própria forma de se alimentar. Mastigava devagar, concentrado, de olhos fechados, como que fazendo uma oração. Gemia discreto de contentamento a cada colherada.

Também gostava de uma cervejinha, não sem antes justificar seus benefícios com um discurso persuasivo sobre cevada, lúpulo e moderação.

Já para tudo o que não fosse natural, como remédio sintético, ele torcia o nariz. Quando teve uma crise de ansiedade e o médico receitou um psicotrópico, protestou. Acabou tomando, com relutância. Mas logo voltou à cartilha própria: alimentação natural, vitamina D, banho de sol e caminhada. Era comum vê-lo deitado na grama, chapéu cobrindo o rosto, ouvindo seu rádio de ondas curtas.

Sua saúde era motivo de orgulho. Aos 85 anos, ainda ostentava os mesmos 64 quilos que mantinha desde 1943. A pressão arterial, entre 11 por 7 e 12 por 8, era recitada como um mantra de autoconfiança. Não fumava, não comia “porcaria”, caminhava, pedalava e dispensava motorista com o mesmo argumento: “O corpo precisa se mexer”. Mordomia, para ele, era quase um palavrão.

SEMENTES DE JERIMUM

Na maturidade, essa maneira de enxergar o mundo o levou ao seu grande projeto tardio: as sementes de jerimum. O beneficiamento e venda do produto representavam, de forma quase poética, a síntese de tudo em que Seu Araújo acreditava: a força da alimentação natural, a valorização da agricultura familiar, a sustentabilidade, a economia justa e a comunhão entre pessoas.

Como tudo em sua vida, a ideia nasceu da observação atenta, do inconformismo diante do desperdício e da fé no poder transformador das pequenas coisas. Certa vez, ao ver alguém jogar fora o miolo de um jerimum, comentou:

– Criatura de Deus, isso vale ouro!

Começava ali uma nova plantação de sentido. Pesquisando em livros, jornais e na internet – seu campo de estudo preferido na maturidade –, descobriu que na Europa as sementes de abóbora eram vendidas a preços altos, exaltadas por seus benefícios à saúde: ricas em fibras, ferro, zinco, cálcio, ômega 3, amigas do coração, do intestino, da próstata e da imunidade. Ficou indignado com a matéria-prima que ia para o lixo no Brasil e decidiu fazer diferente.

– Quer comer petisco? Pois coma semente de jerimum! – dizia, já vislumbrando a possibilidade de transformar o que era visto como resíduo em fonte de saúde e renda.

Foi então que fundou a microempresa Araújo: alimentos preparados artesanalmente, que resumia, em nome e prática, sua filosofia de vida. Com ajuda de Mariana, uma das netas, criou os rótulos e a identidade visual do produto.



Havia dois sabores: o verde, sem sal; e o vermelho, com um toque salgado, ambos torrados num forno especial, cuidadosamente controlado até atingir o ponto ideal de crocância. Cada potinho era lacrado por uma máquina simples e marcado com data de validade e orgulho.

Seu Araújo queria mais do que produzir. Queria multiplicar. Compartilhou a técnica com um grupo de senhoras aposentadas, ensinando cada etapa: separar, lavar, secar ao sol, torrar com paciência. Mobilizou feirantes da Zona Norte do Recife, que guardavam as sementes para ele, e também um motorista de táxi e um motoboy, que passaram a cuidar da logística de captação e entrega do produto. Proporcionou trabalho, dignidade e propósito. E assim, aos poucos, criou uma rede solidária que envolvia gente simples, movida pela lógica da partilha. A semente alimentava, gerava renda e, acima de tudo, criava vínculos. Eram também uma forma de Seu Araújo ampliar o círculo de relacionamento e continuar fazendo amizade. Pense num homem que gostava de conversa!, dizem os filhos.

O negócio ganhou espaço em padarias, delicatessens e mercados naturais. Os potinhos eram discretos, contudo carregavam, em letras miúdas, uma verdadeira aula de nutrição: “Petisco rico em fibras, proteína, ômega 3, ferro, zinco e cálcio.



Benefícios à saúde: redução de colesterol, regularização intestinal, saúde da próstata, ação anti-helmíntica”. Quase um remédio, mas era só semente torrada, um punhado de sabedoria para saudar o corpo.

Quando um dos filhos sugeriu profissionalizar a empresa, contratando um consultor, Seu Araújo até aceitou ouvir as sugestões, mas resistiu. Preferiu manter o negócio artesanal. Foi assim que permaneceu, mesmo depois de sua partida. A funcionária e amiga Maria José, que acompanhara todo o processo, herdou os equipamentos e continuou a produção por um bom tempo, mantendo acesa a chama de um projeto que, para além de comercial, foi educativo e afetivo.

O jerimum – palavra de origem tupi, *yuru'mún* – já era considerado alimento sagrado pelos povos originários das Américas. Para Seu Araújo, tornou-se também símbolo de resistência, saúde e sabedoria ancestral.

Como menino de engenho, ele nunca perdeu a ligação com a terra. Em todos os apartamentos em que morou, cultivou plantas, ervas e uma relação de respeito com o natural. Acreditava nos saberes antigos e na força curativa da natureza.

Cada potinho vendido era, no fundo, um ato de fé. Fé na simplicidade. Fé na economia justa. Fé na capacidade de transformar o que se joga fora em algo digno e virtuoso. A semente foi só a cereja do bolo, ou melhor, o fiapo de jerimum da vida de Seu Araújo. Uma vida inteira dedicada a semear, cuidar, preparar o solo para que outros pudessem colher. Mesmo no ocaso, ainda plantava sementes, de afeto, de dignidade, de futuro.

SEU ARAÚJO DIGITAL

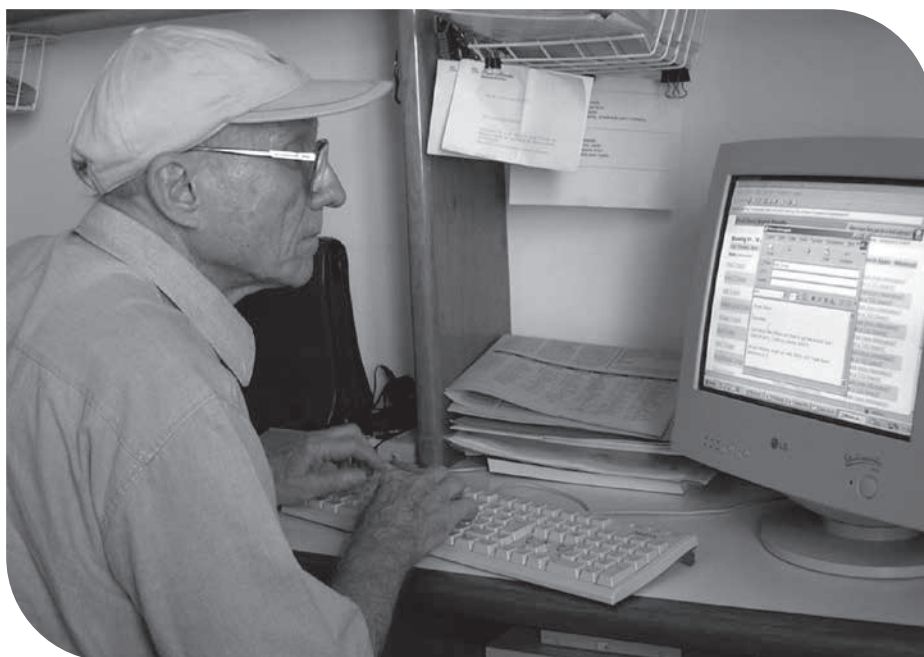
A lucidez com que conduziu o pequeno negócio, atento ao detalhe, à saúde coletiva e ao impacto social, foi a mesma que o levou, já bem próximo dos 85 anos, a explorar um novo terreno: o mundo digital. Criou um blog e fez da tela um novo caderno, onde anotou pensamentos sobre política, cultura, memória e justiça social.

A internet lhe pareceu um solo fértil para continuar fazendo o que sempre fizera: pensar, aprender, ensinar. Não foram muitos os escritos, mas os que sobrevivem ao tempo continuam a revelar sua personalidade. São histórias do

engenho, críticas aos rumos do país e exaltação de figuras que admirava, como Miguel de Cervantes. Nos textos, tentava revisitar o passado para entender o presente. Tratava de temas como o uso do álcool como combustível limpo, o papel da agricultura familiar, os riscos da ditadura, o valor da educação e a dignidade dos pobres. Era um contador de histórias com faro de cronista e vocação de educador.

Também tinha uma relação especial com a música. Sabia escolher o que ouvia com devoção. Gostava de escutar *O Trenzinho Caipira*, numa versão instrumental de Egberto Gismonti, como quem embarcava em lembranças que nunca contava em voz alta. Tinha um carinho pelo LP *As Quatro Estações*, de Vivaldi, que tocava nas tardes tranquilas do Edifício Villa Vinhedo. Numa mistura que era só dele, apreciava também a voz de Mariah Carey em *Hero*, canção que ouvia repetidamente com olhos fechados e o corpo imóvel, como se ali morasse um segredo.

Curioso e atento às novidades, foi um dos primeiros a ter em casa o disco *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles, recém-lançado nos anos 60. Sabia reconhecer e valorizar o que era novo de verdade. Tinha a mente aberta, mas expressões comedidas. A cabeça vivia adiante. O corpo, ancorado nos próprios princípios. Essa tensão entre o avanço e a cautela o acompanhou por toda a vida.



CADA UM COM AS SUAS CONTRADIÇÕES

Entre as muitas qualidades que exibia, Seu Araújo também carregava contradições. Era considerado um homem brilhante e generoso, entretanto, ao mesmo tempo, com limitações, pela forma como encarava o mundo. Reconhecer e aceitar esse contraste, dizem os filhos, faz parte do processo de compreender e celebrar a vida dele.

Apesar de abraçar o novo, Seu Araújo mantinha reservas quanto a certas modernidades. Tinha um blog, porém achava o celular um estorvo, usado apenas para ligações essenciais, guardado no bolso como um fardo.

Admirava a arte, entretanto, desconfiava do lazer. Evitava comemorações, aniversários e qualquer comportamento que parecesse vaidade ou exibição. Com sorriso enviesado nas festas, recusava convites para dançar com um “eu fico melhor aqui olhando”. O prazer, para ele, exigia moderação e a alegria, sobriedade. Parecia negar o regozijo, e não apenas para si, mas para todos ao seu redor, como se fosse algo menor ou indigno. Ao exaltar o sacrifício, orgulhar-se de não tirar férias e de estar sempre ocupado com o dever, Seu Araújo acabava gerando uma sensação de que a vida era mais dura e cinzenta do que precisava ser. Para Antônio Jorge, Maurício e Maria Laura, essa postura muitas vezes causava desconforto e frustração, especialmente em momentos que poderiam ser mais leves e felizes.

A dificuldade em elogiar e demonstrar carinho em palavras, de se permitir as demonstrações afetivas mais comuns, também deixou marcas nos filhos, que sentiam falta de maior aconchego e conexão com o pai. Em momentos difíceis, Seu Araújo parecia se fechar ainda mais. Evitava o assunto, cerrava os olhos, como se não quisesse ouvir ou aceitar o que estava acontecendo.

Seu Araújo vivia com intensidade, mas sem exageros. Sustentou muita gente, ajudou incontáveis vezes e acabou chegando à velhice com pouco para si. Sentia orgulho do papel de provedor, embora a própria aposentadoria não lhe garantisse conforto. Há quem avalie que ele tinha um potencial enorme, nunca inteiramente realizado.

Isso, porém, não o amargurava. Dizia, com uma calma quase franciscana, que ver os outros bem já era o bastante. O amor, para ele, se provava em atitudes e isso bastava.

Por causa desse rigor e reserva, quando deixava escapar lampejos de doçura, causava comoção. Nunca fora dado a presentes. No entanto, certa vez chegou em casa com um buquê de rosas para Dona Nilza. Era raro, porque, em seu coração disciplinado, preferia o útil ao efêmero. Por essa razão, esses instantes inesperados ficavam na memória como se fossem declarações inteiras.

Talvez isso tenha tornado sua figura tão única. Alguém capaz de conjugar, numa mesma existência, firmeza e delicadeza.

PARA OS NETOS COM CARINHO

Foi com os netos que esse equilíbrio pareceu atingir seu ponto mais sereno. A eles, deu o que talvez fosse o melhor de si: a escuta paciente, as brincadeiras nonsense, a vontade de transmitir saberes sem pressa nem rigidez. Já não havia a pressão de sustentar uma casa nem a dureza do tempo apertado. Com eles, conseguiu ser mais suave, ainda que à sua maneira. Foi um avô presente, sem excessos; amoroso, sem exageros; e inesquecível, principalmente pelas alfinetadas com palito de dente. Era uma brincadeira recorrente: de repente, sem aviso, vinha aquela espetadinha certa, leve, mas o suficiente para arrancar um susto dos netos e, em seguida, uma gargalhada. A travessura, sempre acompanhada de um olhar maroto, quase infantil, denunciava a intenção de pura ternura. Era o jeito de Seu Araújo dizer “eu gosto de você”, já que beijos e abraços apertados não eram muito habituais no seu repertório.

Quando estava com as crianças da família, vovô Narcides transfigurava-se em cronista encantado. Com os netos, virava contador de histórias, poeta de imagens inventadas e realizador de passeios memoráveis. Em sua companhia, até vaga-lume ganhava status de lanterna mágica, e um pomar virava reino encantado. Gostava de levar os pequenos a lugares como a mítica Acerolândia, o Clube de Campo Canto Alegre, sítios de amigos e trilhas por matas vizinhas, onde mostrava frutos no pé e apontava passarinhos.

Montado num cavalo no Agreste ou pedalando com os netos pelo bairro, parecia sempre ter vindo de um tempo fora do tempo. Não era homem de palavras açucaradas, porém deixava seu carinho escancarado em atitudes que só mais tarde fariam todo sentido. Um bilhete orientando a alimentação, uma

vitamina feita na hora, uma bicicleta de presente, um convite para caminhar.

Repetia histórias, sim. E como repetia. Falava do engenho, da BBC, da Panair do Brasil, de Dona Nilza, da inflação, do que o governo fazia errado com o dinheiro público. Mas repetia com um tipo de música própria, uma cadência de cantador nordestino. As pausas, os rodeios, as comparações, os causos no meio do assunto sério, tudo fazia da escuta um ritual. A família divertia-se com isso, e até estranhava quando ele ia direto ao ponto. Era como se estivesse sempre ensinando algo, mesmo quando contava uma piada.

Com os netos, sabia tocar fundo sem fazer estardalhaço. Despertou neles o gosto por refletir, instruir-se, observar o mundo com olhos críticos. Falava do meio ambiente, das injustiças sociais, do valor do esforço, como se semeasse o senso de responsabilidade devagar, sem pressa de ver ramificar. Comprava livros, incentivava o estudo, fazia perguntas difíceis. E, nos feriados e fins de semana, aparecia com cestas de frutas já descascadas ou com planos de mais uma trilha, mais um sítio, mais uma história para contar.

DESPEDIDA EM DOIS TEMPOS

Até mesmo os que parecem feitos de rocha um dia se curvam ao tempo. No fim de 2010, uma fadiga incomum começou a apagar aos poucos a vitalidade que sempre acompanhou Seu Araújo. Os exames revelaram o diagnóstico: um linfoma. Enquanto ele enfrentava o avanço da doença, Dona Nilza, sua companheira de vida inteira, também sentiu um tumor na perna piorar. E assim passaram a dividir os corredores do Hospital Santa Joana, no bairro ds Graças.

Ainda que no limite da força física, Seu Araújo encontrava espaço para resistir. Quando lhe perguntaram se sentia dor, respondeu com uma espécie de lamento que só quem viveu intensamente entenderia:

– Dói é não poder plantar mais.

Treze dias depois de sua partida, em 11 de abril de 2011, Dona Nilza o seguiu, num domingo de Páscoa. Parecia um acordo tácito entre os dois: onde um estivesse, o outro não tardaria. Muitos dizem que foi a saudade. Outros, que foi apenas a continuidade do amor.



No velório, chegaram pessoas de todos os cantos. Contaram histórias, revelaram atitudes ocultas, confessaram dívidas de gratidão. Havia quem tivesse recebido ajuda financeira sem saber de onde vinha. Outros lembravam de um presente deixado na porta, de uma palavra precisa num momento difícil. Pequenos milagres plantados ao longo da vida, agora brotando em forma de lembrança e reverência.

Dona Nilza, por sua vez, foi lembrada como o colo que

suavizava a sobriedade do marido. Uma mulher que, tendo enfrentado tantas perdas na infância, construiu ao lado de Narcides um lar onde jamais faltaram afeto e acolhimento. Diziam que os dois se equilibravam como o próprio jerimum que ele tanto gostava de evocar: forte por fora, doce por dentro. Se ele pouco falava de amor, ela compensava com riso solto, conselhos de mãe e palavras que aqueciam.

No testamento invisível, ficaram as coleções discretas que refletiam seus valores, como os canivetes suíços, os rádios de ondas curtas, os cadernos com letras dos Beatles e os artigos do blog que escreveu nos últimos anos. Perpetuaram-se também as cartas trocadas com Joseph Trosper e o certificado de proficiência em inglês, guardado com orgulho numa gaveta, como prova de que um filho de engenho podia dialogar com o mundo.

Sua vida não cabe numa lápide. Ela reverbera no som da rede balançando na varanda, na lembrança do teclado onde escrevia seus textos, no tilintar da máquina que lacrava potes, no canto dos pássaros que imitava para os netos. E, sobretudo, nos conselhos que atravessam o tempo como provérbios de um sábio interiorano: “Descasque mais, desembrolhe menos”; “Trabalho é oração”; “Quem aprende a vida inteira não envelhece”.

O CORAÇÃO QUE HABITA

Hoje, Seu Araújo não mora mais nas casas que habitou. Vive nas palavras que deixou, nas memórias que costurou, nos ensinamentos que partilhou. Mora nos filhos, noras, netos, bisnetos, irmão, sobrinhos e nos muitos amigos que, ao lembrar dele, sorriem com um tipo de recordação que conforta, porque Seu Araújo fundou uma família frondosa, enraizada na ética, na gentileza e no desejo de um país mais justo.

Seus valores continuam plantados em cada um, no que comem, acreditam, defendem. E, se alguém perguntar por que tudo isso parece história de cordel, é só lembrar do que ele mesmo dizia, antes de começar um de seus causos mirabolantes:

– Se essa fosse história comum, a gente não contava.

A vida de Narcides Andrade de Araújo – nosso querido Seu Araújo – foi tudo, menos comum. Se hoje ouvimos seu nome e sentimos aquele gosto bom de saudade é porque sua semente germinou. E se alguém puxar mais um fiapo da memória, que conte sem pressa, porque todo parente, amigo ou conhecido tem o direito de bordar mais um pedaço desta história. Se perguntarem onde ele está agora, diga que virou raiz, fincada no coração de quem aprendeu com ele que a generosidade, quando brota, vira sombra e faz ninho pra passarinho descansar.





OS CAUSOS

HISTÓRIAS VIVIDAS COM SEU ARAÚJO



DO IRMÃO MAIS NOVO

Neritônio

Naná, como eu chamava Narcides, foi uma presença marcante na minha vida. Mesmo sendo ele o irmão mais velho e eu, o mais novo, nunca me deixou de fora de nada. Ao contrário, sempre me incluía. Costumava me levar com ele a tudo quanto é lugar, fosse ao Parque Dois Irmãos ou a estádios de futebol para ver o América jogar.

Lembro dos passeios e das conversas curtas, mas cheias de significado. Naná era inspirador, dessas pessoas que guiam pelo exemplo.

Hoje, ter este livro em mãos e sentir todo o amor reunido aqui me enche o coração de orgulho. É bonito ver o quanto ele foi amado e deixou sementes boas por onde passou.

Agradeço a Deus por ter sido seu irmão. E desejo que essa lembrança siga iluminando muitos caminhos.

“Ensina-nos a contar os nossos dias, de tal maneira que alcancemos coração sábio.” (Salmos 90:12)

A VOLTA TRIUNFAL DE MAROCA



Naquele tempo de engenho e capim verde, Seu Araújo, ainda o menino Narcides, já prestava atenção em tudo que valia a pena guardar na memória e no coração. Por isso, poucas coisas lhe marcaram tanto quanto o sumiço da burra Maroca.

Aquela não era uma burra qualquer. Tinha nome, trato e regalias. Dormia bem, comia melhor e nunca viu de perto uma espora ou chibata. Lá no Engenho Conceição, todo animal era tratado com o mesmo respeito que os humanos.

Pois foi na mudança da família para Campina Grande que começou o aperreio. O engenho ficou com um arrendatário de nome José Leitão de Melo, a quem coube ficar com Maroca. Meses depois, querendo mostrar que tinha coração, ele mandou um velho morador – Serafim – levar a burra para visitar os antigos tutores. Maroca seguiu com dois caçoais de laranja amarrados nas costas e a altivez de quem sabe o valor que tem.

Tudo correu bem. Serafim almoçou, a burra descansou num cercado emprestado e a ideia era partir de volta à Serra do Pirauá no nascer do sol. Só que Maroca tinha outros planos. Quando Serafim chegou de manhã... cadê a burra? Tinha arrombado a porteira e partido. Sumiu no mundo.

Anunciaram em jornal, procuraram em feira, consultaram até rezadeira. Nada de Maroca. Deram por perdida.

Dois anos se passaram. Dois.

Até que, certo domingo, seu Toinho de Conceição, pai de Narcides, foi levar o reverendo João Clímaco Ximenes até a vila de Galante, num Ford 29 emprestado. Após o culto, foram todos almoçar na casa grande de uma fazenda, e ali estavam conversando no alpendre quando o impossível aconteceu. Um vaqueiro despontou no alto do morro, montado numa burra de orelha firme, rabo sacudindo o ar.

O menino Narcides pulou da cadeira como quem vê milagre:

– Lá vem Maroca!

Ninguém acreditou. A distância era grande. Mas quem conhece um amigo de infância reconhece de longe. E bastou ver o ferro AJS marcado no lombo da bicha pra não restar dúvida: era ela. Maroca, a fugitiva. A burra do coração.

Convencido o dono da fazenda, o reverendo deu a bênção e José Leitão mandou Serafim buscar a rainha de Pirauá de volta ao seu trono.

E foi assim que Maroca voltou pra casa – mais magra, mais vivida, mas com a mesma dignidade de quem sabia que engenho bom é aquele onde até burro tem nome, história... e final feliz.

ALMIRANTE DE AÇUDE

Entre os passeios preferidos de Seu Araújo, um era sagrado: ir ao Parque Dois Irmãos. Não somente para visitar o zoológico, que já existia ali. Ele gostava mesmo era de remar no açude, explorar as ilhotas, recolher goiabas e o que mais encontrasse de fruta.

Quem conta é Seu Neritônio, irmão caçula 20 anos mais novo, que entrava no barquinho meio torto com o coração apertado, mas sem coragem de dizer “não”. Afinal, Seu Araújo exercia a autoridade de um almirante diante dos olhos do pequeno.

A sensação de desbravar um mundo novo sem sair do Recife logo dissipava

qualquer temor. Parecia até filme de aventura. Tinha muriçoca? Tinha. Mas ninguém ligava. O prazer da companhia um do outro compensava qualquer incômodo.

Quando Seu Araújo passou a morar numa casinha perto do açude de Apipucos, foi a pescaria que virou rotina entre os irmãos no fim de tarde. A conversa era sem pressa. Segundo Seu Neritônio, falavam de tudo e de nada.

De repente, a linha tremia, o peixe pulava, o anzol vencia. E então, surgia mais uma história pra contar no almoço e por toda a vida.

PASSEIO POÉTICO

O Parque de Dois Irmãos é cenário de algumas das melhores memórias de Maria Laura, Antônio Jorge e Maurício. Seu Araújo os levava com frequência até lá e a programação era certa. Remavam até a pista, mas sem encostar na Ilha dos Macacos.

A turma subia a mata até encontrar uma clareira escondida, onde havia um totem com um poema de Castro Alves que ficou gravado feito carimbo na lembrança:

*“Aqui o éter puro se adelgaça...
Não sobe esta blasfêmia de fumaça
Das cidades p’ra o céu
E a Terra é como o inseto friorento
Dentro da flor azul do firmamento.
Cujo cálix pendeu!...”*

Era poesia no meio da mata. E tinha também a arte prática. Nessas andanças, Seu Araújo improvisava tabicas com galhos recolhidos do chão. Descascava tudo, menos a manopla. Fazia um rasgo abaixo dela, amarrava um barbante e pronto. A alça estava feita.

Na volta, esperavam pacientemente na fila do ônibus. Só embarcavam se desse pra todos irem sentados, de joelhos no banco, com o rosto colado na janela. É que as crianças não queriam perder nenhum pedaço do mundo pelo caminho.

O CLÁSSICO DA TÉCNICA E DA DISCIPLINA

Um era menino e o outro, já quase homem feito. Vinte anos separavam no calendário Seu Araújo do irmão caçula, Neritônio. Mas se havia algo capaz de dissolver a diferença de idade entre os dois era o amor pelo América.

Seu Neritônio conta que o irmão sempre foi referência para ele em tudo: estudo, caráter, seriedade. Não seria diferente no futebol.

Bastava ter partida marcada nos Aflitos para saber que Seu Araújo apareceria na casa da Rua Dona Elvira para buscá-lo. Os dois saíam a pé – sem muita conversa, mas com cumplicidade de sobra – até chegarem ao alambrado. Naqueles tempos de estádio sem catraca eletrônica e fosso raso separando a torcida do gramado, o jogo América x Náutico era chamado de Clássico da Técnica e da Disciplina.

– Dava até frio na barriga – conta Seu Neritônio.

Ali, enquanto o craque americano armava o chute, ele pendurava-se na grade e pulava pra cabecear o vento, imitando o lance descrito na rádio. Seu Araújo, concentrado e calado, só levantava a sobancelha quando a bola balançava a rede. Não era de rasgar garganta com juiz, mas vibrava por dentro. Uma emoção que ele revelava no caminho de volta para casa quando, com carinho de irmão-pai, pegava na mão do caçula como quem diz sem dizer: “Vai por mim”.

O SELINHO DE CADA DIA

No lar de Seu Araújo e Dona Nilza, amor não era coisa de novela, era coisa de rotina. Todo dia, quando ele entrava em casa pela porta dos fundos, já procurava a companheira com os olhos. Encontrava. Chegava de mansinho, dava um selinho discreto. Nada de estardalhaço nem floreio. Era beijo de quem dizia “eu te amo” em forma de feijão bem temperado, remédio na hora certa e cobertor puxado de madrugada.

Os netos achavam graça daquilo.

– Vovô beijando vovó na boca! – riam escondido.

Cresceram, como lembra a neta Mariana, sabendo que ali morava o amor de verdade.

DE BÊNÇÃO EM BÊNÇÃO

Ele, frequentador de igreja evangélica e da escola dominical. Ela, católica de terço na bolsa e promessas no coração. Viveram quase 60 anos sob o mesmo teto, cada um com sua espiritualidade. Se havia entre eles alguma diferença, e havia, jamais virou discórdia. Ao contrário. Era fonte de aprendizado mútuo, um exercício cotidiano de respeito.

Dona Nilza era daquelas que se recolhiam, mas nunca deixavam de crer. Seu Araújo não era dado a imagens nem ladainhas, mas jamais tentou diminuir a crença da companheira. Sabia que a fé do outro também é sagrada, mesmo que não seja a sua.

Certa vez, decidiu acompanhá-la numa dessas peregrinações religiosas, daquelas com ônibus lotado, filas eternas e banheiro comunitário. O lugar era apertado, o desconforto era grande, mas a paciência dele, maior.

Sentado junto ao motorista, teve um dia que telefonou para os filhos para comentar sobre as cantorias que ouvia havia horas e horas. No outro dia, ligou novamente:

– Estou aqui esperando para tomar banho. Tem umas 30 pessoas na minha frente, mas estou tranquilo.

E estava mesmo. Com a toalha debaixo do braço e o coração em paz, porque amor também é acompanhar o outro pelos caminhos que não são seus.

Essa convivência cheia de harmonia chamava atenção. Em tempos de tanta intolerância, Seu Araújo e Dona Nilza eram exemplo vivo de como duas crenças podem coexistir com graça.

No começo, combinaram que os filhos cresceriam sem imposições religiosas, que só escolheriam quando tivessem idade para isso. Mas, com o tempo, Dona Nilza quis garantir alguma base e decidiu que era melhor encaminhá-los à igreja. Achou mais prático que fossem com o pai aos cultos evangélicos. No domingo de manhã, aprontava os três filhos para a escola dominical. Ela mesma os arrumava, dava conselhos e os mandava com carinho, mesmo que fosse para outra fé.

Podiam crer de formas diferentes, mas acreditavam juntos na bondade, na justiça, na família, no compromisso um com o outro.

Os meninos foram criados com Bíblia e liberdade no coração. Aos 14, 15 anos, cada um decidiu por si. Os homens deixaram de frequentar qualquer religião, mas guardaram os ensinamentos. Laura é evangélica até hoje.

No fim das contas, é como dizia o próprio Seu Araújo:

– Amor não é concordar em tudo, é escolher caminhar junto.

De bênção em bênção.



Era um dia comum no bairro da Tamarineira quando Seu Araújo resolveu acompanhar Dona Nilza numa ida à boutique. Não que tivesse grande interesse em moda. Seu estilo era outro: camisa de botão, rádio debaixo do braço e sol na pele. Porque, segundo ele, “é preciso alimentar o corpo com vitamina D”.

Enquanto a esposa entrava na loja, ele avistou um gramado convidativo bem na frente da vitrine. Sem cerimônia, cravou o radinho de oito faixas na relva, esparramou-se no chão e ali ficou, braços abertos, olhos fechados, corpo entregue ao astro-rei como se estivesse na praia. A trilha sonora? Um programa de rádio qualquer, desses com notícias vindas de longe.

A moça da boutique, olhando pela vitrine, levou um susto. Achou que tinha um maluco acampado na frente da loja. Pegou umas pedrinhas decorativas de um vaso e começou a jogar de leve, tentando espantar “o estranho”.

Lá de dentro, Dona Nilza percebeu a movimentação e foi ver o que era. A atendente, já meio aflita, cochichou:

– Tem um senhor deitado aí fora... acho que é um doido!

– Doido nada, minha filha, é meu marido – respondeu Dona Nilza, já acostumada às excentricidades solares do companheiro.

Seu Araújo, por sua vez, nem se abalou. Continuou firme, absorvendo sol e ondas sonoras.

O episódio virou assunto na vizinhança, tanto que o amigo e dentista Nilo Almeida foi pessoalmente alertar:

– Araújo, com essa pele clara, você vai acabar fritando.

Depois disso, Seu Araújo passou a usar protetor solar. Seguiu cuidando da saúde, tomando sol com moderação, e sempre pronto para transformar qualquer calçada em divã. Para ele, não existia lugar impróprio para um bom cochilo ao ar livre, desde que tivesse grama, rádio e paz.

HOMEM QUE CHORA...

A neta Mariana conta que só viu Seu Araújo chorar duas vezes na vida. Homem firme, de fala mansa e olhar que dizia mais do que os lábios, Seu Araújo era daqueles que guardava o sentimento bem dentro do peito. Quando transbordava, era por coisa grande.

A primeira vez foi contando a história da Burra Maroca. Bicho de estimação, companheira das andanças e dos silêncios. Um dia, Maroca sumiu, deixando-o desconsolado, como menino que perde brinquedo de infância. Procurou, esperou, e quando já não contava mais, a burra reapareceu, como se soubesse o caminho do coração do dono. Mari lembra que, quando o avô contava essa história, os olhos se molhavam de saudade e alívio, como se revivesse tudo de novo naquele instante.

A segunda foi no aniversário de 80 anos de Dona Nilza. No meio da festa, levantou-se para prestar homenagem à companheira de vida. Falou com simplicidade e verdade que, se fosse pra viver tudo de novo, queria viver com ela. A voz embargou, o olho brilhou. Mari viu a lágrima cair. Diante de filhos e netos, foi como se dissesse: “Sou forte, mas o amor me amolece”.

Duas lágrimas só. Mas que valem por mil palavras sobre quem era Seu Araújo.

DE PARTO DE RAPOSA A ATRACAGEM DE NAVIO

Era São João e, em vez de forró e fogueira, Seu Araújo embarcou numa aventura com a família rumo ao Sertão da Paraíba. Patos, Teixeira, Pico do Jabre, era trilha que não acabava mais. A comitiva incluía filhos, noras, netos e agregados, todos de casaco, porque o frio por lá cortava feito faca de pão dormido.

Seu Araújo, no entanto, parecia imune à friagem. Assim que chegaram, com o povo reclamando da água gelada e do chuveiro que só cuspia vento, ele decretou, tranquilo:

– Banho bom é esse, que acorda até pensamento esquecido.

A trilha começou cedo. Facão em punho, ele abria caminho pela mata. Cada passo era um causo.

– Falava de parto de raposa a atracagem de navio – brinca Maurício.

Citava datas, nomes e latitudes como quem consulta uma enciclopédia mental. Não havia quem não prestasse atenção, mesmo que fosse só para descobrir como terminava a história da onça que virou vegetariana.

No meio da subida, com o mato fechando e o pessoal cansando, ele improvisava um cajado. Pegava um galho, descascava, talhava com paciência e amarrava um cordãozinho. Era parte ferramenta, parte adereço, parte pretexto pra ensinar aos mais novos como se vira um trilheiro com estilo.

No alto do Pico do Jabre, a vista valia cada calo. Olhar dali, para Seu Araújo, era como ver o mapa da infância e da velhice ao mesmo tempo.

GUIA DE PEQUENAS GRANDES AVENTURAS

Os netos de Seu Araújo tiveram o privilégio de saber, desde cedo, que passeio bom não precisava de roteiro. Bastava ele dizer:

– Bora?

Um dos mais marcantes era para a Acerolândia, sorveteria com nome de reino encantado. Ele chegava de chapéu branco e distribuía picolés. Era só risada, língua vermelha e histórias novas a cada parada.

Nos fins de semana, a rota seguia para o Clube de Campo Canto Alegre, em Aldeia. Bica fria, piscina funda e um açude que virava mar aos olhos dos pequenos. O avô, orgulhoso, mostrava o mato, batizava os pássaros e ensinava que árvore bonita a gente abraça antes de subir. Quando o sol baixava, ele sacava a rede para um cochilo, enquanto a família esticava o almoço embaixo das samambaias.

Em dias de aventura, ele enfiava a meninada no carro rumo às granjas de Seu Arlindo e Seu Andrade. Tinha sagui correndo na cerca, piscina improvisada e até caçada ao cometa Halley, que, teimoso, não apareceu. A frustração virou lenda familiar.

Teve ainda o metrô sem destino: só Mariana, André e o vô. Entraram na estação, foram até o fim da linha, voltaram no mesmo vagão e acharam aquilo a aventura mais urbana do mundo. Mariana saiu de lá balançando um chaveiro em forma de prancha, troféu comprado no TIP por insistência dela e cumplicidade dele.

Quando queria sossego, Seu Araújo chamava Artur para alimentar os peixes na Praça do Parnamirim. Um punhado de pão, água remexida de escamas douradas e a lição suave de que também há prazer na quietude.

Sorvete, bica, metrô, praça, não importava o cenário. Com Seu Araújo, qualquer esquina virava descoberta e todo neto saía ganhando um novo jeito de olhar o mundo.



MOTORISTA PARA ANDAR A PÉ

Quando Seu Araújo e Dona Nilza chegaram perto dos 80 anos, os filhos, sabendo que os pais não iriam parar quietos dentro de casa, decidiram contratar um motorista.

– Pelo menos vão poder circular com mais conforto e segurança! – pensaram.

O indicado para a missão foi Seu Josuel. Sorriso aberto e chave tilintando na mão, no primeiro dia de trabalho, estacionou na porta, cumprimentou o novo patrão e perguntou:

– Seu Araújo, ligo o carro?

– Carro pra quê? A Rua da Harmonia é logo ali. Bora a pé!

E lá foi Seu Araújo, chapéu adiante, deixando Josuel correndo atrás.

A pé ia comprar coco verde em Casa Amarela.

A pé ia pro mercado, encher a sacola de laranja.

A pé saía até debaixo de chuva, só pra sentir o vento no rosto.

E lá vinha Josuel, longe da forma física do velho, a suar tentando seguir seus passos.

No fim da primeira semana, o motorista confessou:

– Nunca andei tanto na minha vida.

Resultado: Josuel foi transferido para a casa de outra parente que usava o carro de verdade. E Seu Araújo? Continuou firme no seu compasso. Carro, pra ele, era enfeite de garagem. Prazer mesmo era medir a rua com passos longos e colecionar histórias que só quem anda devagar acaba encontrando.

XÔ, LADRÃO!

Já nos seus 80 e poucos anos, Seu Araújo comprou uma bicicleta nova. Mas não queria atrair a atenção de ladrões.

– Recife anda perigosa – dizia.

Então, foi ao armazém de ferragens, comprou um removedor de tinta e ficou

pacientemente raspando o quadro.

Com tanto empenho, Seu Araújo conseguiu o que queria. A bike virou quase uma sucata sem cor, meio enferrujada, que não despertaria cobiça de ninguém.

A família descobriu a engenhosidade quando ele apareceu pedalando pela Encruzilhada, levando a lata de ferramentas na cestinha. Alguém comentou:

– Que bicicleta velha é essa?

Ele respondeu, satisfeito:

– Eita, que é o disfarce perfeito!

O MENINO DO SAPATO E A DÍVIDA DE CONFIANÇA

Foi por causa de um par de calçados que tudo começou. Seu Araújo estava em uma sapataria com o filho quando ouviu a voz miada de um menino que o observava:

– O senhor me dá o sapato velho dele?

A pergunta foi tão direta e esperta que pegou Seu Araújo de jeito. Ele não viu miséria, viu inteligência. E se encantou com aquilo.

– Dou sim. Me encontre aqui amanhã – respondeu, já com a generosidade armada no peito.

No dia seguinte, voltou com um sapato novo e entregou ao menino. Era o início de uma amizade improvável, que foi crescendo junto com o garoto. Vez ou outra, aparecia para conversar, pedir conselhos, mostrar boletim. Seu Araújo se afeiçoou e passou a apadrinhá-lo. Comprava livros, ajudava nos estudos, dava uma força no que podia. Via ali uma chance de mudar o rumo de uma vida com um empurrão honesto.

O tempo passou, o menino virou rapaz. Já não era mais o garotinho do sapato. Agora tinha projetos, vontades e o plano de comprar uma bicicleta para começar a trabalhar com entregas.

– Seu Araújo, o senhor me ajuda? Só pra dar a entrada. Eu pago as prestações, direitinho.

Ele, como sempre, quis ver com os próprios olhos.

– Traga a proposta de compra aqui.

O rapaz apareceu com um cartaz, um anúncio de loja, apontando o modelo exato. Como era muito caro, Seu Araújo sugeriu comprar uma versão mais simples. Foram juntos até a loja. Ele deu a entrada. O rapaz seguiria pagando o restante.

Mas não pagou. Nem a primeira. Sumiu.

Seu Araújo ficou com todas as prestações. Pagou uma por uma, sem reclamar. Quando contava a história, não era com raiva nem mágoa. Era com aquele mesmo tom calmo de quem entende a natureza das coisas.

– Eu fiz o que achei certo – dizia.

– A intenção era boa. Se não deu certo, paciência.

Sabia do valor de um voto de confiança. E se o outro não soube o que fazer com isso, o problema não era dele.

O DIA EM QUE OS SAPOS VOLTARAM A COAXAR

Era uma dessas manhãs quentes, de céu limpo e terra quieta, quando Antônio Jorge, Maurício e Maria Laura decidiram levar Seu Araújo para visitar sua terra natal. O caminho era de barro batido, ladeado de mato verde. Ele ia na frente comentando cada curva.

A primeira parada foi na igrejinha. Chegando lá, se sentaram no alpendre esperando o morador que vinha abrir a capela. E foi aí, entre um cochicho e outro do vento, que Seu Araújo começou a prosa:

– Vocês conhecem a lenda dos sapos que calaram? – perguntou, com aquele jeito de quem já sabe a resposta, mas quer atizar a curiosidade.

Ninguém respondeu de pronto. Mas era como se cada um pudesse ouvir o pensamento do outro em uníssono:

– Senta que lá vem história!

Seu Araújo, então, ajeitou o chapéu claro e cruzou os braços:



– Diziam que foi meu avô, um homem evangélico muito severo, que, ao comprar o engenho, ficou escandalizado com as novenas da igreja. Um dia, expulsou as rezadeiras, proibiu qualquer reza de santo e jogou todas as imagens no açude. E foi desde então que os sapos daquelas águas emudeceram.

Fez-se um silêncio, como se os filhos esperassem que ele confirmasse o absurdo.

Mas Seu Araújo não era de deixar passar lenda por verdade sem ao menos uma costura de lógica.

– Claro que isso é conversa de povoado! – rebateu.

– Como é que um batráquio vai respeitar decisão de crente? Sapo não tem religião, não. Tem é instinto! Se não coaxaram, era seca, ou frio ou qualquer outra coisa. Nunca por causa de imagem dentro d’água.

E aí ficou ali, gesticulando com a mão erguida, didático como sempre, explicando o ciclo reprodutivo dos sapos, o porquê do coaxar, a influência da umidade, como se estivesse dando aula em auditório e não num alpendre empoeirado.

Os filhos, que conheciam bem o pai, não se aguentavam por dentro. Achavam engraçado ver o velho tão estudado perder tempo refutando lenda de beira de açude. Mas ficavam calados, por respeito. Também porque gostavam da cena.

Foi então que o morador chegou, chave na mão, chapéu de palha na cabeça. Abriu a porta da igreja, mas antes que qualquer um cruzasse o batente, Seu Araújo aproveitou:

– Deixa eu lhe perguntar, meu amigo... Ainda tem sapo naquele açude?

– Tem sim, senhor – respondeu o homem.

– De noite mesmo, é um coral danado!

– Não disse? – Seu Araújo sorriu, triunfante, virando-se para os filhos com aquele olhar de quem acaba de ganhar um debate contra a imaginação popular.

Antônio Jorge tirou uma foto dele nessa hora. Chapéu branco, meio sorriso no rosto, a mão no ar como quem sela um veredito. É uma das melhores imagens que se tem de Seu Araújo. Não porque estivesse mais bonito ou mais novo, mas porque ali cabia tudo: a racionalidade, o humor escondido na lógica e essa mania de explicar o mundo até mesmo quando o mundo insiste em ser mágico.

MEMÓRIA VIVA

Durante a visita à Serra do Pirauá, os filhos Maria Laura, Antônio Jorge e Maurício mal sabiam que estavam prestes a viver uma aula de pertencimento.

Depois de rever a antiga casa-grande e outras construções do entorno, Seu Araújo se encaminhou, sem pressa, até o pequeno cemitério ao lado da igreja. Andava devagar, mas com rumo certo. Parava diante de cada lápide e, com voz serena, revelava a história por trás dos nomes. Para ele, cada túmulo tinha voz. E ele escutava todas.

Em silêncio, os filhos assistiam àquele despertar de gente viva na memória de Seu Araújo. Gente que ele tinha conhecido, respeitado, amado. E que agora ele apresentava aos filhos de forma mansa, detalhada, cheia de afeto.

Mesmo sem saber, Maria Laura, Antônio Jorge e Maurício saíram dali carregando no peito uma herança que não se perde com o tempo. Vira semente para replantar depois.

CASA DE LIVROS E DE PALAVRA

Tinha dia que Seu Araújo se levantava mais inspirado que de costume. Pegava um livro da estante – dessas que tomavam conta da parede, cheias de títulos sobre política, agricultura, sertão – e se punha a recitar. Teve dia em que

a neta Mariana entrou na sala e deu de cara com ele declamando, em voz grave e pausada, um trecho de Edgar Allan Poe, como se o Recife fosse palco de teatro inglês. Os olhos brilhavam como quem via além da página.

A casa era feita de palavras. Tinha Rachel de Queiroz, Fernando Sabino e Euclides da Cunha, com *Os Sertões*, que ele lia para decifrar o Brasil. No meio dessa rica influência, os netos cresceram e aprenderam. Pedro, por exemplo, garante que foi ali que desenvolveu o gosto pela escrita. Era só o avô começar uma frase que a imaginação dele já queria terminar com mais três.

Na casa de Seu Araújo e Dona Nilza, livro aberto era convite e verso dito em voz alta era herança.

A SABEDORIA NO RETROVISOR



Pedro tinha acabado de tirar a carteira de motorista. Devia ter uns 19, talvez 20 anos, e estava naquela fase em que dirigir era mais aventura do que locomoção. Era ele no volante, o primo Yuri de copiloto e, no banco de trás, o “voinho”. Seu Araújo em carne, osso e sabedoria.

Saíram em direção à praia de Maria Farinha, com a maresia prometida no fim do trajeto e o rádio tocando qualquer coisa animada. Conversa vai, conversa

vem, os meninos começaram a se gabar das peripécias no volante, que ninguém aqui tá incentivando, mas acontece. Nessa idade, basta um carro e um pouco de liberdade que o sujeito já se acha piloto de fuga. Lá pras bandas do Shopping Tacaruna, Yuri cochichou:

– Eu vinha voando por aqui, de madrugada... Quando passei o viaduto, o carro da frente breiou de repente, no sinal. Quase que me lasco, mas cortei e passei! Pense num fino...

Pedro riu. Riso de quem entende o risco, mas ainda confia demais na sorte.

Acontece que, lá atrás, Seu Araújo nem piscou. Continuou olhando pela janela, quieto. Só depois de uns cinco minutos, como quem vinha ruminando a conversa no juízo, ele falou. Sem levantar a voz, nem virar o rosto, somente com aquele tom de quem carrega um almanaque dentro da cabeça:

– Yuri... há de se lembrar que a velocidade máxima dessa via é de 60 quilômetros por hora. Pelo seu relato, você estava muito acima disso. E ainda desatento.

Silêncio no carro. Não era bronca, era lição.

Seu Araújo emendou falando de estatísticas de acidentes, do valor da atenção ao dirigir, da responsabilidade que é ter um carro nas mãos e das leis de trânsito. Depois que terminou, voltou para o seu silêncio, como se não tivesse dito nada demais. Ficou ali, com a mão apoiada na janela, o chapéu branco refletindo a luz do meio-dia, olhando o mundo passar.

Pedro, do volante, olhava o avô pelo retrovisor e sentia uma coisa difícil de explicar. Uma mistura de respeito, orgulho e uma certa vergonha boa, daquelas que corrigem a gente por dentro.

Até hoje, toda vez que passa no viaduto do Tacaruna, Pedro diz que enxerga a cena. O banco de trás, o chapéu claro, a mão erguida no ar como se falasse de um púlpito. E sente, no fundo do peito, que aquela foi sua primeira aula de direção de verdade.

Com o voinho dele era assim. O homem parecia calado, mas ouvia tudo, até pensamento. E quando falava, podia crer, valia mais que aula de qualquer autoescola.

A IGNORÂNCIA SOBRE O MAXIXE

Uma vez, Pedro estava com Seu Araújo na cozinha, observando o avô preparar algum prato cheio de ingredientes que, para ele, pareciam exóticos. No meio daqueles legumes todos, um especialmente chamou a atenção. Curioso e intrigado, perguntou o que era aquilo.

O avô olhou para o neto, com aquela expressão entre o sério e o debochado que só ele tinha, e respondeu:

– Isso aqui é maxixe, Pedro. Me espanta sua ignorância!

Pedro ficou desconcertado, rindo sem jeito, enquanto um amigo, Danilo, que estava ao lado, resolveu se aventurar:

– É gostoso, Seu Araújo?

– Claro que é, rapaz! Quer provar?

Danilo, inocente, topou experimentar. Só que o maxixe tinha acabado de ser cozido e estava quente demais por dentro. Ao dar a primeira mordida, Danilo sentiu imediatamente a língua queimando. Fez caretas e abanou a boca sem parar. Seu Araújo, vendo o desconforto do rapaz, deu aquela risadinha discreta, quase imperceptível, que revelava seu lado divertido e sarcástico.

Pedro nunca mais esqueceu o dia em que aprendeu duas coisas importantes com Seu Araújo: que maxixe cozido deve ser mordido com cautela e que, com seu avô, mesmo uma simples conversa na cozinha poderia se transformar numa grande e divertida lição.

FÍGADO INDIGESTO

Quem vê Artur todo sereno não imagina o drama que ele vive até hoje quando é colocado diante de uma travessa de fígado acebolado. Tudo começou com um mal-entendido doméstico. Alguém disse, talvez com a melhor das intenções, que ele adorava a iguaria. Só esqueceram de combinar o cardápio com a realidade.

– Eu gostava mesmo era de bife acebolado – lembra Artur.

Na cabeça de Seu Araújo, e principalmente de Dona Nilza, fígado com cebola, bem passado e em quantidade de piquenique era o que fazia o neto feliz.

Foi assim que, ao chegar na casa dos avós, Artur deu de cara com uma travessa fumegante, cheia até a borda daquele “presente”. Suou frio. Contou até três. E fez o que qualquer neto educado faria em campo minado. Pegou um pedacinho, colocou no prato, mastigou com dignidade... e fingiu que estava tudo sob controle.

– Esse é só pra você, viu? – avisou Dona Nilza, toda satisfeita.

– Seu avô fez com gosto, porque disseram que você adorava!

Artur sorriu amarelo e foi buscar arroz, farofa, alface, qualquer coisa que diluísse o trauma. Com a boca entupida e a alma em estado de alerta, aprendeu ali um dos primeiros ensinamentos da diplomacia familiar. Às vezes, é melhor mastigar calado do que desfazer a boa intenção de um avô amoroso.

Hoje em dia, ele ri da história. Mas garante:

– Quando vejo uma cebola meio translúcida no prato... meu estômago já se pergunta, revirado: será que vem fígado por aí?

O DEDO EM RISTE DO PROFESSOR



Seu Araújo não precisava levantar a voz. Bastava um gesto, e a sala silenciava. Era uma coreografia simples, mas infalível. Mãos para trás, o corpo envergado ligeiramente para frente, como quem se preparava pra decolar. E aí vinham os

pequenos saltinhos. Um, dois, três. Quando o dedo indicador subia, apontando pro céu como um foguete prestes a partir, todo mundo já sabia: vinha discurso.

Mari, uma das netas, dizia que aquilo era mais eficaz que campainha de escola:

– Pronto, vovô quer falar.

Os filhos e netos cochichavam, enquanto a plateia improvisada se ajeitava nas cadeiras. E era sempre uma fala boa, daquelas que misturam conselho, afeto e alguma aula de história que ninguém lembrava mais.

Não se sabe de onde vinha o costume. Até hoje, se alguém faz um saltinho com o dedo em riste, não tem quem não sorria e diga:

– Olha aí, baixou o espírito de Seu Araújo.

A PIMENTA MILAGROSA

Pedro lembra de uma vez em que chegou na casa do avô acompanhado da namorada, que naquele dia tinha acordado estranha. Sem voz nenhuma, parecia gripada, meio abatida. Seu Araújo – daquele jeito dele, que misturava sabedoria do mato com o senso prático da vida – nem pestanejou. Chamou Dona Nilza e pediu:

– Me traz uma pimenta, por favor.

A moça arregalou os olhos, mas topou. Engoliu a pimenta, tossiu, lacrimejou, achou que ia pegar fogo. Dez minutos depois, estava falando normalmente.

Pedro jura que foi milagre. O avô só deu aquele sorriso de canto de boca, de quem sabe das coisas e não precisa explicar.

– Vô já era meio médico – brinca.

“Doutor” do tipo que cura com o que tem no quintal!

Nesse mesmo dia, mais tarde, desabafando com o avô sobre um atrito com a namorada, ouviu dele um ensinamento definitivo:

– Não é sábio contrariar uma mulher.

A pimenta curou a voz e o conselho do voinho, talvez, tenha salvo a relação.

CHEGOU CAROL!

Quando Carol chegava ao Recife, vinda de Belo Jardim, onde morou com os pais por alguns anos, nem precisava tocar a campainha. Da calçada, já se ouvia um entusiasmo: “Chegou Carol!”.

A neta lembra que, pequena, nem se dava conta. Só mais tarde é que entendeu o tamanho daquele carinho do avô.

– Eu nem percebia o quanto era querida. Criança não tem noção das coisas!

Quando ia visitá-la no interior, tinha dia que Seu Araújo voltava da feira montado numa carroça de burro. Era só pra provocar gargalhada. E funcionava. Gostava de plantar alegria do mesmo jeito que cultivava hortas, ensinando a mexer na terra com paciência.

O voinho tinha um senso de responsabilidade afetiva tão grande que não se permitia sequer a ideia de causar dor, mesmo sem querer.

Por isso, ficou desconcertado quando, certa vez, num passeio de bicicleta com Carol ainda pequenininha na garupa, a neta prendeu o pé no raio.

– Fiz aquele escândalo e ainda joguei a culpa no pobre do voinho, dizendo: Ô vovô, o que foi que você veio fazer aqui?

Seu Araújo, que tinha viajado justamente pra matar a saudade, engoliu seco e preocupado. Por trás da postura séria, ele era puro cuidado.

Décadas depois, foi Carol quem não mediu esforços para retribuir esse amor. Quando o avô ficou doente e foi internado, ela cruzou um sinal vermelho pra chegar mais rápido. Levou multa, brigou com o guarda, mas chegou dizendo, sem pestanejar:

– Minha prioridade é você, voinho!

E era mesmo, porque o afeto que ele plantou cresceu e virou árvore dentro dela.

SE FOSSE PRECISO, ELE SUBIA ATÉ EM COQUEIRO

O sobrinho Duda sempre disse que Seu Araújo foi o precursor do Google. Antes de existir buscador na internet, bastava alguém jogar uma dúvida no ar,

que ele pescava a resposta com convicção. Mesmo quando inventava, era com tanta categoria que ninguém ousava duvidar.

Certa vez, a família foi até Itamaracá fazer um passeio. Quando chegaram no Forte Orange, Seu Araújo começou a contar a história da ocupação holandesa, das guerras, dos canhões. Era uma verdadeira aula ao ar livre.

De repente, um rapaz apareceu oferecendo um cacho de coco no alto de um coqueiro:

– Dez reais e eu subo pra pegar – disse.

Seu Araújo olhou com aquele ar sério e respondeu:

– E por que eu vou lhe pagar dez se posso subir de graça?

O rapaz ficou sem resposta. A família caiu na risada. Ninguém sabia se ele ia mesmo subir, mas o argumento era imbatível.

Duda também lembra de outra ocasião em que estava sofrendo com a tradução de um texto em inglês, parte de um trabalho do ensino médio. Tinha uma palavra que não fazia sentido de jeito nenhum. Justamente naquele dia, Seu Araújo apareceu de bicicleta, como gostava de fazer e pediu pra dar uma olhada.

– Essa palavra não existe – decretou.

Duda insistiu, achando que o dicionário podia ajudar.

– Nem vá procurar. Não está no dicionário.

E não é que ele tinha razão? A palavra era um erro de digitação no texto.

O que mais marcava na personalidade dele era a bondade. Quando Duda fez 15 anos, a mãe não pôde dar um presente. Quem apareceu com uma bicicleta novinha? O próprio Seu Araújo. E não foi só entregar e pronto, não. Meses depois, notou o pneu meio murcho, levou ao posto, encheu e... sumiu com a bicicleta. Duda estranhou. Ele disse, sério:

– Se você não está cuidando do que eu dei, vou levar pra dar a quem cuide.

O menino ficou indignado, claro, mas entendeu que com Seu Araújo o carinho vinha sempre acompanhado de responsabilidade.

Teve também o dia em que uma amiga da família fazia um tratamento à base de alho e estava sofrendo com o cheiro. Ninguém pediu nada, mas Seu

Araújo, ao saber da história, apareceu depois com uma caixa de cápsulas de alho importadas, sem gosto nem odor. Como era o jeito dele, sem fazer barulho, chegou com a solução.

E quando Duda foi fazer um curso no Rio de Janeiro, sem muita folga no bolso, quem chegou junto?

Seu Araújo deixou o “dinheiro do mês”, como chamou, pra garantir que o sobrinho se alimentasse bem e aproveitasse tudo.

Para Duda, ela era um homem que misturava sabedoria, humor e um tipo raro de generosidade, daquelas que chegam antes mesmo do pedido.

SUNOMONO TEMPERADO COM SABEDORIA



Carina ainda era adolescente quando aprendeu a fazer sunomono. E não foi em livro, TV ou rede social. Quem ensinou a receita do prato japonês com pepino cortado fininho, que naquela época mal tinha chegado às esquinas dos restaurantes, foi o Tio Narcides.

– O segredo, minha filha, está no corte e no tempo de descanso no vinagre – disse, com a seriedade de quem revela uma fórmula secreta.

Carina, que já gostava de se aventurar na cozinha, ficou fascinada. Não só porque a receita era exótica para os padrões da época, mas porque aquele tio de fala mansa sabia mais de alimentação do que muito nutricionista de plantão.

Ele falava das propriedades dos alimentos com um respeito quase cerimonial.

Sabia para que servia cada semente, cada folha, cada fibra. Se alguém dissesse que alho era bom pra isso ou aquilo, ele explicava o porquê. Era uma espécie de alquimista da saúde, só que com a simplicidade de quem prefere chá de hortelã a qualquer fórmula complicada.

Carina não esquece daquele dia. Não só porque aprendeu a fazer sunomono, mas porque foi a primeira receita que anotou na vida, ditada pelo tio que, entre uma história e outra, temperava a vida com sabedoria, paciência e gosto por ensinar, mesmo quando o assunto era salada.

A PRESENÇA MUDA NO AEROPORTO

Para Marcelo, um marco da relação com o tio foi a presença dele no aeroporto toda vez que o sobrinho desembarcava no Recife. Marcelo vinha de São Paulo, ou do exterior, cheio de mala e cansaço, e lá estava Seu Araújo, recostado num canto, esperando. Não fazia perguntas, não planejava programa, não invadia espaço. Apenas aparecia.

Era o seu jeito de dizer: “Estou por perto, se precisar”. Marcelo conta que, muitas vezes, nem entendia de imediato o porquê daquilo. Era jovem, meio distraído, achava normal. Anos depois, percebeu o valor imenso de ter alguém que, sem pedir nada, só comparecia ali para garantir que o sobrinho se sentisse acolhido.

UM AVÔ DIGNO DA NASA

Alexandre não teve avô de sangue presente. Nem do lado do pai nem da mãe. Mas teve o Tio Narcides, que, de tão presente, acabou sendo avô por aclamação.

Foi com ele que Alexandre aprendeu um bocado de coisas. Algumas úteis, outras nem tanto, mas todas memoráveis. Aos 11 anos, por exemplo, entrou num Clube de Astronomia. Coisa de menino curioso, com a cabeça já mais na Via Láctea do que na sala de aula. Lá, soube que, se escrevesse uma carta para a Nasa, receberia fotos lindas dos planetas, daquelas feitas pelas sondas Viking e pelas naves Voyager. Só tinha um problema: a carta tinha que ser em inglês, e o inglês de Alexandre era mais corajoso que fluente.

A solução foi pedir ajuda ao tio-avô. Um pedido simples:

– Tio, o senhor escreve pra mim?

Seu Araújo não era homem de dar peixe, e sim de ensinar a pescar. Sentou ao lado dele e disse:

– Você vai escrever. Eu só vou ditar.

E ditou. Palavra por palavra. Pronome por pronome. Virou aula. Uma daquelas que a escola não ensina, com explicação de verbo irregular, diferença entre *your* e *thy* e tudo mais.

Anos depois, Alexandre lembra disso como um marco de vida. Assim como lembra da vez em que ganhou o primeiro canivete suíço, também presente de Tio Narcides, claro. Aquele canivete virou companheiro inseparável em acampamentos do CPOR e nos anos seguintes no Exército. Estava sempre no bolso, pronto pra abrir lata, cortar barbante ou esculpir graveto. E segue guardado até hoje, como relíquia.

Aliás, foi por influência de Seu Araújo que Alexandre decidiu vestir farda. Na véspera do alistamento, pensava em tentar a dispensa, coisa de adolescente que ainda não tinha se decidido entre cursar engenharia ou medicina. Mas conversou com o tio-avô, que contou da época em que serviu durante a Segunda Guerra. Não foi pra Itália com a Força Expedicionária Brasileira, mas ficou de prontidão. Só por isso, já tinha seu lugar no hall dos heróis familiares.

A conversa foi curta, mas certa. No dia seguinte, Alexandre se alistou de peito aberto e entrou para o CPOR, decisão da qual nunca se arrependeu.

Foi com o tio-avô que Alexandre aprendeu a gostar de pimentas, plantas e palavras bem ditas. Coisas que, como o bom exemplo, ficam pra sempre, feito carta guardada da Nasa ou um canivete multifuncional repleto de vivências.



MIGUEL DE CERVANTES E A RUA PADRE ROMA

Era uma daquelas tardes em que o Recife resolve virar um grande estacionamento a céu aberto. Trânsito parado, buzina virando trilha sonora... Pedro só queria chegar em casa. Mas entre querer e conseguir, há um engarrafamento de distância.

Resolveu esperar o caos passar. Talvez uma padaria, um café... Só que, nessas horas, a cabeça parece um rádio desregulado. Tudo que a gente tenta lembrar não lembra. O que aparece mesmo é saudade.

Sem muito plano, foi pegando uma rua aqui, outra ali, e quando viu, estava nos arredores de uma certa ruazinha sem saída, ali por trás da Avenida Rosa e Silva. Discreta no mapa, mas gigante na memória. Era a rua do prédio de Seu Araújo.

Parou o carro sem nem perceber. Ficou ali, olhando o edifício de seis andares como se encarasse um álbum de fotos aberto. O porteiro, se ainda fosse o mesmo, talvez até abrisse o portão sem perguntar. Mas Pedro não entrou. Ficou quieto, deixando os carros passarem lá fora e as recordações reverberarem por dentro.

Era sempre igual. Ele apertava a campainha da porta branca no terceiro andar e esperava. Do outro lado, vinha aquele ritual de boas-vindas do voinho de camisa de botão, bermuda cinza, chinelo e, às vezes, um chapéu de pescador cobrindo a careca já brilhante. Por trás daquela porta, havia um mundo inteiro.

Seu Araújo era uma enciclopédia ambulante, com volume extra de causos e verbetes que não vinham nos dicionários. Certa vez, andando perto da casa do avô, Pedro reparou pela primeira vez no nome da rua: Padre Roma.

– Voinho, quem era esse tal de Padre Roma? – perguntou, achando que vinha resposta curta.

Mas Seu Araújo nunca teve pressa pra responder. Após um breve silêncio, mandou ver:

– Uma das figuras mais ilustres do Recife. Foi estudar Teologia em Roma, por isso o nome. Voltou padre, virou revolucionário, liderou a Revolução Pernambucana de 1817, foi preso, torturado, condenado à morte... e não entregou um só companheiro. Morreu como herói, e o próprio filho assistiu à execução.

– Oxe. E o que ocorreu com filho dele, voinho?

– Também estava preso. Era militar. Abreu e Lima, o nome dele.

Uma pergunta simples gerava uma aula completa e Pedro saía da conversa com mais vontade de conhecer o mundo, ou ao menos de descobrir o nome das ruas por onde passava.

Tinha também as histórias que brotavam do nada. Tipo aquela vez que Seu Araújo viu um livro em cima da mesa da casa de praia e quis saber quem estava lendo. Era Pedro.

– Esse aí foi escrito por um homem que passou cinco anos preso. Começou a escrever na cadeia. Passava por dificuldades financeiras, se alistou, foi capturado. E lá na prisão, sem nada além de tempo e cabeça cheia, rascunhou uma obra que virou um clássico. O nome dele era Cervantes. O livro, *Dom Quixote*, um dos clássicos da literatura mundial.

Pronto! Pedro nunca mais conseguiu ler sem pensar na história por trás do autor.

Era assim com tudo. Uma dúvida qualquer virava papo pra tarde inteira. Naquele dia de trânsito intenso, parado no carro diante do prédio, Pedro percebeu que mesmo sem ele tocar a campainha, o seu voinho ainda abria a porta. E continuava lá, de camisa branca e chinelo, ensinando pela fresta da memória.

O JUMENTO QUE NÃO PRECISAVA DE ALINHAMENTO

Mal o portão abria, lá vinha Seu Araújo com passos tranquilos e olhar curioso. Às vezes, nem tinha serviço agendado. Aparecia na Auto Total só pra dar uma volta, conversar, observar o entra e sai dos mecânicos, o barulho das máquinas, o cheiro de graxa misturado com café coado. Achava que oficina boa é a que tem história, e não só ferramenta.

Rosi nunca esquece das visitas dele. Resolver problema de carro nem era a prioridade. Ele ia mesmo era aquecer os motores da amizade, principalmente

com Gilmar, pai de Marcelo, dono da oficina. O carro era só desculpa. O alinhamento, a troca de óleo, a revisão, tudo virava prosa.

Assim que chegava, Seu Araújo já ia direto pra Rosi:

– Deixe tudo pago. Laura vem depois, e é melhor que já esteja tudo certo.

Ele tinha esse jeito de resolver o mundo com antecedência. Organizava as finanças como quem arruma uma gaveta. Cada coisa no seu lugar, nenhuma peça solta. Mesmo quando a filha ficava com cara de poucos amigos por não ter sido consultada, ele tentava driblar a birra com ares de diplomata:

– Rosi, quando ela chegar, diga que tá tudo resolvido. A bronca vem mais branda quando a conta já tá paga.

Rosi gostava das histórias.

Um dia, conversando sobre o preço das peças, da gasolina e da trabalhadeira de manter carro em ordem, Seu Araújo se encostou no balcão, cruzou os braços e disparou:

– Rosi... se fosse por mim, eu andava era de jumento. Não dá dor de cabeça nem tem motor pra aquecer. Basta um capim, uma aguinha e uma sombra boa.

Rosi gargalhou.

– Mas e se furar a ferradura, Seu Araújo?

– Aí a gente bota um prego e segue o trote! – respondeu ele, com aquele sorriso de canto de boca que sempre vinha antes de uma tirada.

PRESENTE NÃO É CARRO: É PALAVRA QUE NÃO SE QUEBRA

Lá pelos idos de 1993, Seu Araújo rodava com um Fiat, que era quase uma extensão dele: limpo, discreto, econômico. Certo dia, apareceu na oficina Auto Total. Olhar sério e passo decidido, foi direto falar com Marcelo Leitão, o proprietário.

– Marcelo, esse carro eu vou dar pra Laura. Troque tudo o que for necessário.

Marcelo, acostumado com os exageros calculados de Seu Araújo, olhou o carro de cima a baixo e retrucou:

– Seu Araújo, não tem nada pra trocar. Tá tudo em ordem, revisado, rodando como se tivesse saído ontem da fábrica. O senhor dirige pouco, com cuidado, não tem o que mexer.

Mas ele não cedeu nem um centímetro.

– Sim, mas agora vai ser de Laura. E carro de Laura não pode quebrar. Faça uma revisão geral. Troque o que tiver de trocar, e o que não tiver também.

Marcelo pegou o carro, lavou, revisou de novo o que já tinha sido revisado, organizou os papéis um por um. E aí veio o pagamento.

Seu Araújo assinou o cheque com a mesma precisão com que assinaria uma ata de reunião da ONU.

Marcelo agradeceu, mas, numa atitude de respeito, e porque sabia com quem lidava, deu ordem pra ninguém descontar. O carro era um presente. E mais do que presente, era demonstração de cuidado. Laura jamais ficaria na rua por conta de uma falha de motor, nem por engano nem por economia.

Os anos passaram. Um dia, já com cabelos mais brancos e o mesmo olhar perscrutador, Seu Araújo voltou à oficina. Entrou calado, mas com aquele jeito de quem já vinha com assunto guardado.

– Marcelo... acho que você esqueceu de lançar aquele cheque do carro de Laura.

Marcelo sorriu:

– Esqueci nada, Seu Araújo. Tá tudo certo.

Mas ele insistia, desconfiado como contador diante de um número que não fecha.

– Eu faço um balanço de tudo, todo ano. Esse cheque não tá nas minhas contas. Vocês estão me enganando!

Marcelo, então, correu para Rosi, fiel escudeira da oficina. Juntos, reviraram arquivos, pastas, envelopes. E lá estava o cheque. Tinha sido rasgado, depois de registrado.

– Aqui está, Seu Araújo. A gente rasgou porque o senhor já tinha pago de outro jeito, com sua confiança.

Ele olhou, conferiu o número do cheque, a data, o canhoto salvo nos documentos. Por fim, suspirou. Não disse que estavam certos. Mas o silêncio foi de aprovação.

Com Seu Araújo, tudo tinha que estar em ordem: o motor, os papéis, o presente e a consciência. E quem teve a sorte de conviver com ele aprendeu que o que vale mesmo não é o carro que não quebra. É a palavra que nunca falha.

NADA COMO OS BEATLES PARA UNIR GERAÇÕES



Marcelo, sobrinho de Seu Araújo, conta que nunca esqueceu o dia em que, entrando na sala da casa do tio, deparou-se com um LP novinho do *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles! Era o fim dos anos 60, começo dos 70, quando o rock inglês se espalhava aos poucos pelo Brasil, mas ainda causava estranheza em muita gente, quanto mais num homem que viera dos engenhos e que, na família, era conhecido por preferir as radiações do rádio AM e, no máximo, umas valsas de Strauss.

Marcelo intrigou-se:

– Tio, o senhor curte Beatles?

Seu Araújo só balançou a cabeça:

– É que eu gosto de ler em inglês – dizia.

Para ele, a grande novidade do disco nem eram as guitarras psicodélicas, mas poder acompanhar cada música lendo os versos originais.

Gostar de Beatles foi, para Seu Araújo, um jeito de se aproximar dos jovens da família, que ficavam de queixo caído ao ver um senhor, nascido em 1925, passeando pelos acordes de Paul e John como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo.

O DIAL QUE GIRAVA O MUNDO



Se o disco dos Beatles era surpreendente, o rádio de ondas curtas era a cara de Seu Araújo. Adorava sintonizar emissoras distantes, principalmente a BBC de Londres, hábito que vinha desde a juventude.

– Eu escuto as notícias direto da fonte – repetia – com um certo orgulho de autodidata.

Quando os novos tempos chegaram, vieram também rádios que funcionavam via internet. Seu Araújo, no entanto, queria mesmo era o tal modelo “à moda antiga”, cheio de faixas e frequências.

Nas idas e vindas de Marcelo à Europa, era encomenda certa:

– Encontre-me um rádio de ondas curtas verdadeiro!

O problema é que, lá fora, os vendedores mal entendiam por que alguém ainda insistia numa tecnologia quase obsoleta. Seu Araújo insistia. A BBC, a Voz da América, tudo isso ainda estava vivo na memória dele. Para quem atravessara o período de guerra ouvindo o mundo em sussurros, nada substituía aquele ritual de girar o dial e caçar sinais no ar.

Ele também recebia revistas americanas. Entre elas, a mítica National Geographic Magazine, com fotos belíssimas de lugares distantes, presente de seu amigo Trosper. Marcelo adorava passar as tardes folheando aquelas páginas no sofá da casa do tio. Era o tipo de “visita cultural” que Seu Araújo proporcionava sem dizer muita coisa. Apenas deixava as revistas ali, esperando quem quisesse viajar sem sair do Recife.

REDE DE AFETO

Uma das marcas registradas de Seu Araújo era sua capacidade de perceber os desejos das pessoas sem que elas pedissem nada. Certa vez, Fernanda, filha do sobrinho Marcelo, foi passar uma tarde na casa dele. Ficou aninhada na rede convidativa armada na sala.

Seu Araújo estava por perto, quieto como sempre, mas reparando tudo. No dia seguinte, chegou um recado:

– Venha por aqui, tem uma coisinha para Fernanda.

Quando Marcelo foi buscar o pacote, encontrou uma rede novinha, praticamente idêntica àquela em que Fernanda tinha deitado.

PURO SUCO DE VIDA

Quem conheceu Seu Araújo sabe que ele gostava de fruta.

Quando pegava uma manga ou um caju, dava uma primeira mordida generosa, daquelas que fazem barulho, e pronto: era caldo escorrendo pelo canto da boca, pelo braço, pelos cotovelos. E ele deixava. Com a maior tranquilidade do mundo.

Tinha gente que não sabia se ria ou se oferecia um guardanapo. Seu Araújo seguia firme, feliz, fazendo do ato de comer uma fruta um manifesto contra a pressa e a frescura.

Era sua filosofia:

– Fruta boa é a que se come com gosto.

Vida boa também se vive assim.

O CONTADOR DE CAUSOS CORPORATIVOS

Em meio a planilhas, relatórios e os códigos típicos da área comercial, Eugênio Tavares de Melo lembra que bastava Seu Araújo aparecer para o ambiente levarar.

Com aquele jeito de quem já tinha visto muita coisa, ele encostava-se na mesa, dava uma ajeitada nos óculos e, sem avisar, puxava um causo. Às vezes, era de quando trabalhou na Marinha dos Estados Unidos. Outras, sobre uma confusão no porto.

Eugênio não lembra de uma história específica. Foram muitas. Mas lembra da sensação. Estar perto de Seu Araújo era como abrir a janela num dia abafado. Sempre havia espaço para a descontração, mesmo nas segundas-feiras mais duras. Para ele, Seu Araújo era um senhor pontual, correto, elegante... e que, de quebra, ainda fazia a área comercial parecer coisa divertida.

Talvez ele nem soubesse o efeito que causava. Ou talvez soubesse muito bem – e sorrisse por dentro, do jeito dele.

A MESA DIVIDIDA COM SEU ARAÚJO



Quando Gustavo chegou ao Grupo Tavares de Melo, era só um estagiário tímido com mais dúvidas do que certezas. Mal sabia que, logo ali do outro lado da impressora, estava sentado o melhor professor que poderia ter.

Seu Araújo já era uma instituição dentro da empresa, respeitado pela diretoria, pelos fornecedores, até pela Receita Federal e, sobretudo, pelos colegas. Não por se exhibir, mas justamente por fazer tudo com discrição, rigor e elegância.

Dividiam o espaço de trabalho como quem divide quintal. Um de cada lado da impressora, que mais parecia um muro baixo entre vizinhos bons de prosa. E como proseava! Seu Araújo adorava contar histórias do Ginásio Pernambucano, onde jogava bola, ou da juventude no interior de Pernambuco. Falava dos filhos com orgulho, dos netos com ternura e de Dona Nilza com aquele amor que se mede nos detalhes, chamando-a respeitosamente de “minha senhora”.

Tinha o dom raro de ensinar sem impor. Explicava os trâmites de exportação com método e um olho brilhando de prazer. Foi ele, aliás, quem endossou a contratação de Gustavo em definitivo. Com sua palavra firme e serena, garantiu que o rapaz era bom.

Gustavo lembra da aversão de Seu Araújo a desperdícios, principalmente de papel. Talvez porque, na infância, papel era luxo. Suas gavetas eram um festival de folhas, blocos e sobras cuidadosamente guardadas.

Se perguntassem por ele na copa, bastava procurar a caneca vigiada por Dona Zélia ou seguir o cheiro da Água Rabelo, que ele gostava de bocejar, por fazer bem à saúde.

– Era notável seu hábito de passar a mão na cabeça, com seus poucos cabelos. Ele também sempre chegava para trabalhar com muito protetor solar e sua inestimável boina, que se tornaram sua marca registrada.

Para Gustavo, conviver com Seu Araújo foi um presente de Deus:

– Sempre disposto a ajudar o próximo, ele contribuiu silenciosamente para o bem-estar de muitas pessoas no Grupo Tavares de Melo.

Por essa e outras histórias, o ex-estagiário e hoje profissional reconhecido diz que Seu Araújo não foi enterrado, e sim plantado. O que faz todo sentido. Porque quem reparte tanto saber e bondade assim, sempre brota de novo, em alguém que aprendeu com ele a ser um pouco mais justo, mais paciente e mais feliz.

LIÇÃO DE SUSTENTABILIDADE

Trabalhar com Seu Araújo era, no mínimo, uma aula por dia. Às vezes, duas. E nem sempre era aula de comércio exterior, logística ou contratos internacionais. Tinha dia que o ensinamento vinha no corredor, no refeitório, ou, como foi o caso, na sala da xerox.

Anderson Augusto lembra bem. Estava lá, distraído, reclamando de umas folhas que saíram tortas na impressora. Amassava uma, jogava fora. Amassava outra, lixo de novo. Até que, do nada, surge a voz de Seu Araújo, calma como sempre, mas com aquele tom que ninguém ousava ignorar:

– Sabe quantas árvores são derrubadas pra fazer essas folhas que você está desperdiçando?

Anderson parou com a terceira bola de papel já pronta na mão. Tentou um sorriso amarelo, mas não teve tempo nem de responder. Seu Araújo emendou:

– E essas cópias? Não podiam ser feitas em papel já usado de um lado? Rascunho serve pra isso, não é?

Foi como levar um carão e um abraço ao mesmo tempo. É que Seu Araújo não brigava. Ele ensinava. E fazia isso com gentileza e intenção.

– Não faça mais isso, viu? Já pensou quantas folhas a gente joga fora aqui por dia? Se essa empresa fosse sua, você faria igual? Trabalhe como se você fosse o dono. Zele, cuide, evite desperdício.

Foi só isso, uma conversa de quem acreditava que o mundo podia ser melhor se a gente começasse pela impressora da firma.

Anos se passaram e Anderson continua lembrando. Não sabe dizer quantas árvores salvou depois daquele dia. Mas, desde então, nunca mais olhou para uma folha em branco do mesmo jeito.

CANÇÃO DE NINAR PARA ABACAXIZEIRO

Devido à sua fluência em inglês, vez por outra, Seu Araújo era escalado como intérprete nas empresas em que trabalhou.

Num desses episódios, lá estava ele traduzindo a palestra de um técnico estrangeiro que veio falar sobre... abacaxi. O gringo abriu a fala com um singelo:

– *It's a delicate fruit, needs care.*

Nada que qualquer agrônomo não diria. Com um senso de humor que contrastava com a seriedade do seu semblante, Seu Araújo aproveitou a

oportunidade para pregar uma peça na plateia e no próprio palestrante. Caprichou na veia literária e traduziu com entusiasmo:

– Ele está explicando que o abacaxizeiro é como um bebê de colo. Precisa de carinho... e de canção de ninar.

Dizem que houve até quem se emocionasse com a metáfora, enquanto Seu Araújo ria por dentro.



Ainda sobre traduções, houve uma vez em que outro especialista estrangeiro, contratado pelo Grupo Tavares de Melo, deixou um artigo sobre um novo produto para lavoura. Eram 25 páginas, todas em inglês técnico. A chefia passou a cobrar insistentemente de Seu Araújo a tradução completa do documento.

Sem tempo para dedicar-se à tarefa com calma, ele resolveu ler logo o artigo inteiro de uma vez. Já no início, a primeira frase deixava claro: o produto não servia para cana-de-açúcar. Pronto.

Seu Araújo não perdeu tempo. Entregou a tradução ao chefe com uma única frase, seca e precisa:

– O produto não é indicado para uso em cana.

Economizou tempo, esforço e, claro, papel. Como se sabe, ele nunca foi de desperdiçar nada, nem palavras.

A CARREIRA SINDICAL MAIS CURTA DA HISTÓRIA

Seu Araújo gostava de contar, entre um gole de café e outro, sobre sua meteórica passagem pelo movimento sindical.

Era conselheiro fiscal, dessas funções que pegava com responsabilidade, mas sem pose. Certo dia, botaram uma prestação de contas na frente dele, esperando

que assinasse logo, no embalo. Mas Seu Araújo, como sempre, quis entender cada número. Pegou a papelada, examinou, fez conta de cabeça e perguntou o que não fazia sentido.

Foi aí que ouviu o aviso, meio bronca, meio profecia:

– Desse jeito você não vai longe na carreira sindical, não.

Ele nem piscou:

– É por isso mesmo que termina aqui. Agora.

E levantou com aquele seu jeito de quem não fazia barulho. Podia até não seguir carreira, mas nunca seguia mesmo era conversa torta.

Costumava repetir uma frase que martelava com gosto e convicção:

– Ninguém deve querer galgar posições de melhor poder aquisitivo senão pela força do trabalho.

Para Seu Araújo, dignidade não era discurso, era prática. Qualquer atalho que não passasse pela retidão, ele deixava de lado sem pestanejar.

O DIA EM QUE SEU ARAÚJO APOSENTOU A OLIVETTI

Seu Araújo era daqueles funcionários que sabiam mais do que o computador. Isso antes mesmo de aprender a usar um. Trabalhava há tantos anos na área de comércio exterior que, se algum navio atracasse sem avisar, ele sabia dizer de onde vinha, com que carga e se o capitão era de confiança, só pelo cheiro da maresia.

Dominava os trâmites da exportação com maestria: *booking*, *draft*, romaneio, carta de crédito, embarque. Cada termo técnico tinha seu equivalente em histórias vividas. Ele conhecia todos. Era um arquivo ambulante, de pastas invisíveis e memórias afiadas.

Quando Alexandre Fontoura chegou à empresa, vindo de São Paulo, com ideias modernas de gestão, dinâmicas em grupo e uma tal de metodologia 5S, Seu Araújo olhou de rabo de olho e pensou:

– Lá vem moda.

Era desconfiado por natureza. Tinha sua própria lógica de organização: pilhas de papel, papéis embaixo das pilhas e anotações nas margens dos papéis. Isso, sem contar a fiel escudeira, uma máquina de escrever Olivetti elétrica, que gemia de tanto serviço, mas nunca o deixava na mão. Até o dia em que Fontoura anunciou que todos ganhariam um computador. A empresa ia se digitalizar de vez. Quem viu a cara de Seu Araújo nesse dia conta que ele respirou fundo e perguntou:

– Pra quê? A Olivetti ainda funciona.

Disse isso sério, como quem defende a honra de uma velha companheira de trincheiras. Com jeitinho, paciência e boas doses de diplomacia, Fontoura foi ganhando terreno. Aos poucos, Seu Araújo foi chegando mais perto da tal tela luminosa. Primeiro, só olhava. Depois, aceitava abrir um arquivo. Até que um dia, deu-se por vencido e digitou seu primeiro e-mail. Foi uma revolução no setor – e, claro, a Olivetti nunca mais voltou para o centro da mesa.

O velho resistente virou entusiasta. Passou a pedir dicas aos colegas mais jovens, anotava tudo em caderninhos próprios (com data, página e observação lateral), riu com eles, ensinou o que sabia e aprendeu o que não sabia. Até participou de uma guerra de bolinhas de papel no escritório, com direito a arsenal próprio escondido na gaveta, estrategicamente ao lado das sementes de jerimum e da lente de aumento.

Ao final da brincadeira, levantava, esticava a camisa, limpava os óculos e voltava pro batente com a compostura de sempre.

Era metódico, sim. Tinha bússola na gaveta, pomada de ervas no armário e uma pequena coleção de recortes de jornal sobre comércio internacional.



Descascava laranja-cravo no expediente e espalhava um perfume cítrico pelo setor inteiro. Falava, com propriedade, sobre a flora intestinal enquanto oferecia sementes de jerimum aos colegas.

Se no começo torceu o nariz para a mudança, Seu Araújo acabou virando símbolo da transformação. Mostrou que até o mais metódico dos homens pode se reinventar. Desde que respeitem seus cochilos depois do almoço, claro.

AMIZADE E TRABALHO MISTURADOS

Contrariando o velho ditado corporativo de que “amizade e trabalho não se misturam”, Seu Araújo misturava sim. Com cuidado e respeito, mas misturava. E talvez tenha sido justamente por isso que a relação com o doutor Clóvis Lima, diretor comercial do Grupo Tavares de Melo, passou dos limites do crachá e virou algo de família.

Quem lembra é Tereza, filha de Dr. Clóvis:

– Eu e minhas duas irmãs crescemos escutando que Araújo era uma pessoa sábia e íntegra. Enxergar a admiração, o respeito e a amizade que papai nutria por Araújo sempre nos fez bem.

Tereza conta que não faltava confiança entre ambos. Se surgia um problema, um dado difícil de conferir ou até uma ligação internacional que ninguém entendia direito, a resposta de Dr. Clóvis era sempre a mesma:

– Chama Araújo, que ele sabe.

E sabia mesmo. Sabia do funcionamento das máquinas, da cotação do dólar e ainda fazia a melhor tradução do inglês. Em reuniões com estrangeiros, ele era o intérprete. Em decisões difíceis, era ele quem opinava.

Tereza lembra com carinho das visitas dele à casa, sempre gentil, discreto, atento. O tempo fez seu trabalho e a vida, com suas ironias poéticas, colocou Tereza também no caminho de Antônio Jorge e Eveline. A amizade com os filhos de Araújo selou de vez essa ciranda de afetos cruzados.

Falar sobre ele, diz Tereza, é como acender a luz de um cômodo antigo. Revela cantos esquecidos, aquece a memória e mostra que certas amizades, mesmo quando começam no trabalho, tornam-se patrimônio de vida inteira.

ESQUECERAM DE MIM



Seu Araújo sempre foi homem de rotina. Chegava cedo no trabalho todo dia e, não raras vezes, passava da hora do expediente.

Pois bem. Num desses dias esticados, ficou tão concentrado na papelada, que nem percebeu o avançar das horas no relógio. Os colegas foram embora, as luzes apagaram... e ninguém notou que o homem continuava lá, sozinho na sala, mergulhado em memorandos e protocolos.

O escritório acabou trancado com ele dentro.

Quando levantou os olhos, já era tarde da noite. Tentou a porta. Fechada! Olhou pela janela, tudo escuro. Bateu com força. Pra quê? Não tinha viva alma. E foi aí que, sem perder a compostura, ligou direto pra casa de um dos diretores.

– Boa noite. É Araújo. Estou no trabalho... preso.

O chefe, sem entender:

– Preso? Como assim?

– No literal, meu amigo. Trancado dentro do escritório. Se puder vir com a chave, agradeço.

Dizem que o diretor chegou meio sem fôlego, achando que era trote. Encontrou Seu Araújo tranquilo, braços cruzados, pastinha na mão, esperando ser liberado para ir pra casa.

No dia seguinte, claro, lá estava ele de novo. Para Seu Araújo, trabalho sempre foi coisa séria. E porta trancada era só detalhe.

ONDE A TERRA OUVI, ELE PLANTA PALAVRA



Se tinha um lugar onde Seu Araújo se sentia em casa, além da própria casa, claro, era na terra. Mas não era qualquer terra. Tinha que ser chão que prestasse, que se deixasse cavar, plantar, regar e colher. E, de preferência, que tivesse alguém por perto pra ele ensinar, corrigir ou desafiar com jeitinho.

Em Igarassu, havia a granja do Seu Andrade, amigo de confiança, desses que abrem o portão e dizem:

– A terra é sua também.

E era. Pelo menos aos olhos de Seu Araújo, que tratava cada palmo como se fosse herança. Ia com gosto. Passava a manhã observando o solo, as pragas, o rumo do vento. Plantava com esmero, colhia com critério e, quando dava tempo, ainda ensinava o dono da granja umas técnicas esquecidas pelo resto do mundo. O problema era o caseiro.

O homem, que até então vivia no sossego de quem administra sem se sujar, começou a ver sua paz ser amainada junto com a terra. Porque Seu Araújo não era de ficar parado nem de fingir que não viu. E cada vez que o caseiro dizia um “isso aqui não pega” ou um “isso não funciona mais”, o velho fazia justamente o contrário, e dava certo.

– Terra é bicho sensível – dizia ele, com o chapéu sombreando o olhar.

– Se a gente tratar com respeito, ela responde.

Essa mania de provar o contrário virou, como dizem por aí, um “motivo de leve estresse laboral” entre os dois. Mas nada comparado ao que aconteceu nas férias no Rio de Janeiro.

Lá foi Seu Araújo visitar a irmã, no Sítio Boa Vista. Descanso que nada. Chegou, viu o terreno e os olhos já coçaram. O chapéu mal pousou no cabide e ele já estava examinando capim, cheirando caule, perguntando pelo esterco.

O caseiro do sítio, um esperto com doutorado em desculpa, vivia de negar possibilidade. Dizia que coelho não comia aquele capim, que a cana não prestava pro caldo, que o veneno não dava conta da saúva.

– Esse capim aí, Seu Araújo, coelho nenhum quer saber.

– E se cortar lá de cima, da parte mais nova?

Fez-se um silêncio.

No outro dia, o velho desceu com um feixe do tal capim. Os coelhos comeram como se fosse a última ceia.

– E a cana?

– Ah, essa não dá caldo não, moço.

– Ou será que o moedor tá desregulado?

Meia volta no parafuso e saiu caldo até dizer chega.

E as saúvas?

– Esse veneno aí não mata elas.

– Mas foi colocado dentro do buraco principal ou só jogado por cima?

Seu Araújo encontrou o formigueiro real, que ficava no terreno vizinho, como ele mesmo deduziu. Quando aplicou o veneno certo no lugar certo, as saúvas fizeram as malas.

Dias depois, o caseiro pediu demissão.

Dizem que foi por cansaço. Deve ter sido é por vergonha. A irmã de Seu Araújo só balançava a cabeça e dizia:

– É que Narcides prova que tudo dá certo... se for feito direito. E tem gente que não tá preparada pra viver num mundo onde desculpa não cola.

E assim, onde passava, ele não só amainava a terra. Amainava também as certezas dos preguiçosos, as desculpas dos expertos e a ideia de que velho gosta é de descanso. Seu Araújo era desses que, mesmo nas férias, fazia a vida brotar, fosse da terra, fosse das pessoas.

COM SEU ARAÚJO, NINGUÉM ANDAVA SÓ



Graziani conheceu Seu Araújo por causa da amizade com Antônio Jorge. Foi nos tempos de faculdade, entre 1978 e 1979, quando os dois cursavam o Mestrado em Desenvolvimento Urbano. De vez em quando, os professores – como o temido Paulo Cassundé – apareciam com tarefas complicadas, dessas que pedem não só leitura, mas também coragem. Uma delas foi a resenha de um livro chamado *O Homem e a Cidade*. Além de densa, a obra vinha traduzida direto do francês para o português de Portugal.

A missão foi encarada a quatro mãos e Antônio Jorge logo sugeriu que continuassem os estudos em sua casa. Graziani lembra que a acolhida ali foi bem mais leve que o conteúdo do livro. Dona Nilza sempre com um sorriso pronto. Seu Narcides, com aquela curiosidade genuína de quem conversa olhando nos olhos e presta atenção.

Foram algumas visitas, todas de muito estudo. Numa dessas noites, cansados de tanto decifrar palavras difíceis, Antônio Jorge dormiu na escrivaninha do quarto, e Graziani apagou na poltrona da sala. Quando acordou, já era quase meia-noite. Estava coberto com um lençol, cuidado silencioso de Dona Nilza, que também tinha feito o mesmo com o filho.

Graziani levantou-se, pediu licença para ir embora. Morava em Ouro Preto, Olinda, e já imaginava o irmão preocupado. Seu Araújo bateu o pé:

– Você não vai sozinho.

E não foi. Ele entrou no carro e foi atrás, escoltando o caminho inteiro até a porta de casa.

A partir desse dia ficaram amigos. A ponto de descobrir algumas afinidades. Uma delas, o gosto pelas pimentas. Graziani era, e ainda é, um entusiasta da planta. Levou umas mudas para Seu Araújo, que logo se empolgou. Passaram a trocar informações, dicas, receitas e até aulas improvisadas.

Até hoje, sempre que vê uma pimenta, Graziani lembra do velho amigo, que sabia cultivar presença como poucos.

SEMENTES DE AMIZADE

De tudo que se vive, há vivências que marcam mais do que outras. Para Brenda Braga, uma delas foi a amizade com Seu Araújo. Faz tempo que o conheceu. Faz tempo que o guarda na memória. Muitas vezes o encontrou caminhando pelo bairro, de boné e passos leves, olhos atentos. Sempre bem-humorado e inteligente, surpreendia com uma boa sacada no meio da conversa, provocando risos, conta Brenda. Ela gostava de ouvi-lo e sempre aprendia algo novo, principalmente sobre alimentos, um dos seus temas preferidos.

Nessas conversas ocasionais, foi com ele que Brenda soube que o jerimum – palavra originária do tupi *yurumún*, que significa abóbora – vinha da América do Sul, e que suas sementes tinham alto valor nutritivo. Os povos indígenas sempre souberam do valor da natureza, algo que Seu Araújo reconhecia e respeitava com convicção.

Estudioso nato e entusiasta dos produtos ofertados diretamente pela natureza, Seu Araújo pesquisava em fontes confiáveis antes de consumir qualquer alimento. Evitava os processados e os que levavam fertilizantes químicos ou pesticidas. E fazia questão de compartilhar o que aprendia com quem se interessasse.

Foi assim que conheceu os benefícios das sementes de jerimum, que eram boas para o coração, para a digestão, para a imunidade, os ossos, os olhos... Diante das lições do amigo, Brenda mudou de hábito. Passou a separar as sementes, lavar, deixar secar e, depois, levar ao forno com um pouco de sal, até que ficassem levemente douradas, exatamente como ele ensinou. De textura crocante, viraram petisco e também iam parar nas saladas cruas.

Mas as sementes não pararam por aí. Ganharam asas, embaladas pelos ideais de economia solidária que Seu Araújo sempre defendeu. Ele ensinou a técnica a um grupo de senhoras aposentadas, incentivando a produção como forma de complementar a renda delas, e também a dos feirantes, que passaram a vender os potinhos.

Identificadas como Sementes de Jerimum Araújo – alimentos preparados artesanalmente, com rótulo criado pela neta Mariana, eram comercializadas em padarias da Tamarineira, Casa Forte, Aflitos e arredores. Quando Brenda as encontrava, levava logo três.

Até hoje, toda vez que prepara sementes de jerimum, ela sente a presença do amigo. Aquela amizade, como Brenda diz, foi tecida pelos fios da natureza. Como no verso: “Quando meus olhos estão sujos da civilização, cresce por dentro deles um desejo de árvores e aves”. Um desejo que, de alguma forma, sempre a leva de volta a Seu Araújo.

O TIO QUE PENSAVA ADIANTE



Na vida de Beto, Seu Araújo foi mais que um tio. Era uma referência paterna: calmo, iluminando caminhos, mesmo nos dias mais nublados.

Quando os pais de Beto se separaram, ele ainda era menino. Tinha 12 anos e uma cabeça cheia de perguntas. Foi justamente aí que a figura do tio Narcides se agigantou.

Presença constante, discreta, mas cheia de significado. Bastava ele estar por perto que tudo parecia mais no lugar. Não só para o sobrinho, mas para a mãe dele também, Nilza, a irmã mais velha de Seu Araújo.

– Tio Narcides era daqueles homens que davam segurança sem levantar a voz. Era só olhar e confiar.

Um dia em especial Beto não esquece. Era noite e, no meio de uma conversa qualquer, ele comentou que sonhava com uma bicicleta. Nem fez pedido, só soltou o desejo no ar. No dia seguinte, lá estava o presente. Seu Araújo escutava com o coração e respondia com atitude.

Beto lembra também da emoção profunda que Seu Araújo demonstrava quando falava de Dona Inácia, mãe de Dona Nilza.

– Bastava citar o nome e os olhos dele marejavam.

Para o pequeno Beto, era um mistério bonito ver um homem daquele tamanho se desmontar diante da memória de alguém.

Foi também Seu Araújo quem presenteou o jovem aspirante a agrônomo com um livro essencial, *Geopolítica da Fome*, de Josué de Castro.

– Você vai produzir alimentos. Mas antes precisa entender o que é fome – disse Seu Araújo.

Foi o tio generoso quem ensinou Beto a pensar, a analisar causas, entender raízes, duvidar das aparências.

– Tinha um senso crítico afiado, que às vezes assustava. Parecia radical, mas era só lucidez à frente do seu tempo – analisa o sobrinho.

Talvez por isso Beto resume o tio nesta frase: “De Macaparana para o mundo: um homem de vanguarda”. Porque Seu Araújo saiu do interior com a mente aberta, os pés firmes no chão e os olhos sempre um pouco adiante do agora nas ciências e no social.

UM OCEANO DE PALAVRAS EM MAIS DE 25 ANOS DE CORRESPONDÊNCIAS

Em tempos sem e-mail, WhatsApp ou ligação de vídeo, Seu Araújo mantinha uma amizade que atravessava continentes, firmada na troca de cartas que levavam quase dois meses para chegar.

O remetente era Joseph Trosper, um professor norte-americano, consultor e curioso do mundo. Os dois se conheceram ainda jovens, nos tempos em que Seu Araújo atuava como intérprete da Marinha dos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, e Trosper veio de Indiana para servir na base naval do Recife.

Começaram a se corresponder no início dos anos 60 e, sem perceber, seguiram firmes por mais de 25 anos. Foi uma amizade feita de papel, selo e alma. Cartas que falavam de exportações, claro, mas também de filhos que cresciam, plantações que não vingavam, guerras distantes, passarinhos no quintal e até sobre o melhor jeito de tomar chá.

Trosper contava que dava aulas e foi reitor na Indiana University, que trabalhou como consultor da Usaid, agência da ONU para o desenvolvimento internacional. Havia estado no Afeganistão, onde, segundo ele, “se Jesus voltasse,



não encontraria muita diferença em relação a dois mil anos atrás”. Descrevia a vida em Kabul, a mudança para Indianápolis, os cervos que apareciam na frente de casa, os discos que escutava com os filhos.

Seu Araújo retribuía com relatos da cheia no Recife, da compra da casa nova e dos netos que enchiam o coração de orgulho. Falava de jardinagem, de castanhas, de sucos, de redes. Mandava revistas, bolsas de couro, discos, e até recortes de jornal.

Era uma relação de profunda troca cultural e humana. Numa das cartas, Trospen escreveu, com genuína admiração:

– Seu inglês é melhor do que o dos meus próprios alunos norte-americanos.

A amizade não ficou só no papel. Em fevereiro de 1967, Seu Araújo e Dona Nilza atravessaram o Atlântico para visitar Trospen e a esposa nos Estados Unidos. Conheceram a casa em Indianápolis, jantaram juntos, passearam. Dois anos depois, em julho de 1969, Trospen também veio ao Brasil. Ficou encantado com o Recife, com a família de Seu Araújo, com o afeto sem cerimônia que encontrara deste lado do mundo.

As cartas cruzaram as décadas como testemunhas de um tempo em que a amizade se media pela escuta e respeito mútuo.

A PALAVRA DO DIA

Francine conheceu Seu Araújo em 2001, no Grupo Tavares de Melo, e bastaram poucos dias para ela perceber que estava diante de um homem fora do comum. Inteligente, curioso, cheio de histórias e de uma educação que vinha de dentro.

Logo viraram bons amigos. Trocavam ideias, sorrisos, causos. Ele passava na sala dela só pra lançar o desafio: uma palavra por dia, em português ou em inglês. Se ela não soubesse, ganhava a missão de procurar o significado. Era o tipo de jogo que Seu Araújo gostava, daqueles que botam o cérebro para se exercitar.

Era assim também com as sementes de jerimum torradas que ele trazia no bolso e distribuía, oferecendo um segredo de saúde.

– Tem zinco, potássio, magnésio... – ele explicava, com entusiasmo de professor.

E ninguém duvidava. Afinal, ali estava um homem que subia escadas em vez de pegar elevador, só pra manter o corpo em ordem, e que dizia, com convicção, que carro demais acabava com a cidade.

– Era muito preocupado com os recursos naturais, um ambientalista! – atesta Francine

Quando Seu Araújo fez 80 anos, ela preparou uma festa surpresa. Quase o mata de susto. Ele ficou vermelho, emocionado, sem saber onde esconder o sorriso. Mas adorou.

Continuaram se encontrando, aqui e ali, nos fins de semana, no Plaza Shopping. Ela com o filho, ele com Dona Nilza. Almoço, conversa, riso e lembrança. O vocabulário sempre se ampliando.

Francine sente falta do boné, dos olhinhos apertados, do jeito calmo do amigo de dizer coisas importantes.

Ela espera, quem sabe um dia, reencontrá-lo, só pra ouvir, de novo, uma nova palavra do dia.

NA PORTA DA IGREJA, O SERMÃO ERA DELE



Quem frequentava a igreja já sabia que, se Seu Narcides aparecesse, a prosa era certa. Não por vaidade nem por gosto de plateia, mas porque ele trazia perguntas, reflexões, inquietações que não cabiam só no banco do templo.

O reverendo Edijéce Martins Ferreira lembra bem. Disse que a porta da igreja era quase um púlpito reverso. Ao invés do pastor pregar, era Seu Araújo quem chegava com assunto. E não era conversa mole, não. Eram questões sobre a vida, sobre o outro, sobre o rumo do mundo.

– Ele nunca ficava calado, sempre tinha uma contribuição a fazer.

Seu Araújo não era homem de falar por falar. Cada palavra era carregada de sentido. Se perguntava por alguém, não era por formalidade. Era pra saber mesmo:

– Tá vivendo bem? Tá conseguindo se manter? Tá em paz?

Essa atenção com a vida dos outros – não no sentido da curiosidade, mas do cuidado – era marca dele. A espiritualidade de Seu Araújo não estava tanto no altar, e sim na escuta. Sua oração era a conversa, sua liturgia, o interesse genuíno.

SE EU QUISER FALAR DE DEUS

Na igreja, Seu Araújo era figura conhecida. Sempre no mesmo banco, lá atrás, quieto como se fizesse parte do mobiliário sagrado. Observava tudo com olhos atentos, do tipo que fala menos para ouvir mais.

Foi por isso que Athenas se surpreendeu tanto numa manhã de domingo, quando o viu acenando para ela logo após o culto.

– O senhor acenou pra mim? – perguntou, desconfiada.

– Sim. Quero conversar com você, em particular, sobre o seu trabalho assistencial – respondeu, direto e sereno.

Ela foi. Entraram na salinha da Junta Diaconal, fecharam a porta, e ele pediu:

– Conte tudo!

Athenas falou das famílias em situação difícil, dos pedidos urgentes, da luta por manter alguma dignidade na pobreza que batia à porta da igreja. E ele escutava. Sem interromper, sem julgar.

Quando ela terminou, ele resumiu a conversa com uma frase só:

– Minha filha, vamos falar de Deus aos outros... do nosso jeito.

Pediu que providenciasse tudo para que os irmãos em Cristo pudessem viver dignamente – colchão, alimento, alívio.

– Me informe os valores. Eu assumo. É assim que eu sei falar de Deus. Do Seu amor. Da Sua providência.

Athenas nunca esqueceu aquela atitude. Seu Araújo era um servo fiel que preferia pregar com ações do que com palavras.

TRILHA SONORA DA GENEROSIDADE



Era mais ou menos começo dos anos 1950. Dona Tereza, costureira de mão cheia e mãe de Erci, passava o dia inteiro num vaivém de pedal e tecido, cortando, alinhavando, finalizando encomendas para a clientela. Morava numa vila simples na Rua Padre Venâncio, número 31, no bairro dos Coelhos, no Recife. A casa tinha um pequeno terraço, onde ela se sentava para atender as freguesas.

Faltava música para alegrar o ambiente. O som do pedal era tudo o que se ouvia.

Eis que, em certo fim de tarde, Seu Araújo apareceu para visitar a tia. Costumava chegar meio de surpresa, porque, naquele tempo, telefone era raro, e ele também não era de grandes formalidades. Simplesmente chegava, tirava o chapéu, dava boa tarde e ficava ali, proseando.

Nesse dia, porém, reparou no silêncio do lugar e soltou a pergunta que marcaria a memória de todos:

– Tia Tereza, por que você não ouve música enquanto costura?

A costureira respondeu, sem cerimônia:

– Não tenho rádio, meu filho.

Foi só isso. Nem lamento nem drama. Ela apenas constatou a falta, como quem diz: “É a vida, paciência”.

Na manhã seguinte, ninguém esperava a cena. Seu Araújo voltou, trazendo um rádio novinho debaixo do braço. Simples, discreto, sem anunciar nada antes. Pegou Dona Tereza de surpresa. Entregou-lhe o rádio, desejou que ela aproveitasse e saiu.

A prima Erci, filha da Tia Tereza, lembra o alvoroço. A mãe ficou radiante, perguntando:

– Mas por que esse presente?!

Seu Araújo sorria. A partir de então, a costura ganhou trilha sonora, com canções como *Luzes da Ribalta* e outras da época ecoando pelo terraço e até pela vila. A casa, antes silenciosa, ficou repleta de música e de gratidão.

Esse episódio é só um de inúmeros outros semelhantes que ilustram a generosidade de Seu Araújo. Bastava ele perceber uma pequena necessidade para agir sem pedir licença, fosse comprando um rádio, fosse carregando uma sacola de alimentos ou pagando alguma dívida de última hora.

BONDADE SEM ALARDE

Anos depois do episódio do rádio, outro acontecimento gravou de vez Seu Araújo no coração da família de Erci. O marido dela faleceu tragicamente em Camaçari, na Bahia. A notícia chegou de supetão, chocando a todos.

Naquele tempo, trazer o corpo de outro estado era caríssimo e complicado. Então, a família se reuniu para debater como resolver o traslado e o enterro no Recife. Alguém dizia:

– Tem que mandar buscar de caminhão, mas não temos dinheiro.

Outro sugeria enterrar lá na Bahia mesmo. E ainda havia os que falavam do custo do cemitério.

Como de costume, Seu Araújo estava lá, sentado, ouvindo cada fala sem interromper. Ele sempre deixava o pessoal expor tudo. A certa altura, levantou a cabeça e disse:

– Já está tudo resolvido.

Todos se entreolharam, sem entender. Mas ele explicou: recorrera à influência que possuía na Maguary, companhia onde trabalhava. Conversou com os diretores e conseguiu que a firma adiantasse o dinheiro para cobrir o traslado. Depois, a empresa do falecido, que também era conhecida de Seu Araújo, faria o reembolso.

Foi um alívio indescritível. O corpo pôde ser trazido de avião para o Aeroporto do Recife. Seu Araújo foi pessoalmente buscar o caixão. Providenciou tudo, da liberação no aeroporto até o transporte para o Cemitério de Santo Amaro.

Para Erci, que já estava devastada com a morte do marido, aquilo foi uma atitude de compaixão impossível de esquecer. Quando se fala nisso, a família lembra do corre-corre, das discussões sobre custo, e de como, num piscar de olhos, Seu Araújo anunciou que tudo já estava acertado.

ISSO QUE É UM PADRINHO

Quando o sobrinho Carlos Eduardo, filho de Erci, decidiu se casar, Seu Araújo logo se prontificou a ser padrinho. A família se alegrou, claro, mas não esperava a surpresa que estava por vir. No grande dia, em vez de aparecer com um jogo de panelas ou um faqueiro, ele entregou um cheque.

Assim que o noivo pegou o valor, levou um susto. Era dinheiro suficiente para bancar todas as despesas da casa por mais de um mês – contas, feira, o que quisesse. Generosidade pura.

– Não precisa, tio! – disse o rapaz, encabulado.

Mas quem disse que Seu Araújo dava espaço para recusas?

– Você vai casar, filho. Tem que ter uma folguinha, respondeu, do seu jeito tranquilo.

Não se falou mais no assunto. Ficou a eterna gratidão.

DE ENCHENTE A COQUEIRO ANÃO, HISTÓRIAS REGADAS A SUCO MAGUARY

Órfão desde os dez anos, Neco foi mais um amigo que enxergou em Seu Araújo uma figura paterna. Desde a adolescência, gostava de prostrar-se com ele e ouvir os seus causos. Só não imaginava que viveriam um episódio digno de ficção na rua onde eram vizinhos.

Foi durante a cheia de 1970, enquanto assistiam a um amistoso da Seleção Brasileira de Futebol. A água começou a subir na Avenida Parnamirim com uma pressa que ninguém esperava. Em pouco tempo, já invadia o apartamento térreo de Seu Araújo e Dona Nilza.

Neco deu um cochilo e, quando acordou, a água já cobria a palmeira da entrada. Despertou assustado, calculando que, se continuasse naquele ritmo, não demoraria a atingir o andar superior. Imaginou até um plano de fuga pelas caixas d'água do prédio.

Enquanto isso, Seu Araújo só dizia, impassível:

– Não passa daí.

E não é que estava certo? A água parou mesmo de subir. O trauma de Neco é que nunca se dissipou. Ficou também a memória da serenidade desconcertante de Seu Araújo, ensinando que não se controla a chuva... mas dá pra escolher como atravessá-la.

Com o tempo, os caminhos de Neco e Seu Araújo se afastaram. Vestibular, trabalho e casamento o levaram a outros cantos da cidade e da vida. O reencontro viria de um jeito inusitado:

– Sabendo que eu andava de moto, ele me ligou pra informar que o filho Jorge, de quem eu era muito amigo na adolescência, tinha sofrido um acidente com o mesmo tipo de veículo. Deduzi que queria me orientar sobre o perigo.

Bastou o contato para reacender a amizade. A partir dali, o vínculo se renovou.

Todo fim de ano, Seu Araújo ligava pra ele:

– Venha buscar um presente na Maguary.

Era uma tradição. Neco passava na véspera de Natal, sempre levando uma

bandeja de caju. E voltava pra casa com uma caixa recheada de sucos, doces em calda e afeto em conserva.

Num desses encontros, Seu Araújo comentou que o Grupo Tavares de Melo estava trazendo mudas de coqueiro anão da Costa do Marfim.

– Quando ele conheceu minha casa de veraneio, observou que só havia um coqueiro bem alto. Acredito que ele viu ali um perigo em potencial.

Disse, então, que conseguiria os tais coqueiros anões para Neco. Promessa feita, promessa cumprida. Algum tempo depois, as mudas estavam lá. Foram plantadas com toda expectativa e nenhuma desconfiança. Mas os anos passaram, e os coqueiros cresceram... e cresceram... e cresceram. Anões, só se fosse na infância.

Sempre que se encontravam, Neco puxava a conversa:

– Ô Seu Narcides, e os coqueiros da Costa do Marfim? O senhor me enganou!

Seu Araújo ria discreto, mão cobrindo a boca, do jeito dele. A história virou piada pronta nos encontros de fim de semana. Assim como a história da cobra do engenho, em Macaparana. Dizem que o menino Narcides correu por quase uma hora de uma serpente enfurecida. E venceu. A cada vez que recontava, ria tanto que mal conseguia terminar. A mesma risada abafada, o mesmo brilho nos olhos.

Falar de Seu Araújo é fácil, diz Neco. Difícil mesmo, para ele, é conter a emoção de lembrar.

O MILAGRE DO CARRO RESSUSCITADO

Certa vez, o sobrinho Marcelo teve o carro roubado. Encontraram o veículo todo detonado num canto de rua, praticamente um “ex-carro”. Sem recursos para mandar consertar de imediato, Marcelo deixou a carcaça estacionada à mercê de novo furto. E foi exatamente o que aconteceu: levaram o que restou do automóvel de novo!

Algum tempo depois, para a surpresa do dono, o carro reapareceu novinho em folha. Sem avisar nada a ninguém, Seu Araújo levou a sucata a um mecânico de confiança, pagou o conserto e pronto. Devolveu o automóvel inteiro, funcionando, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

UM MAR DE ASSUNTO NOS VERÕES DE MARIA FARINHA

Naquele sábado, o vento amainava e o sol das quatro e meia já dourava a areia de Maria Farinha. Rubens, que nem era de ir à praia em alta temporada, decidiu fugir das aglomerações e entrar no mar naquela hora mansa. Da beira, avistou um senhor com um chapéu claro enfiado até a testa, meio que boiando contra a luz do poente.

Curioso, aproximou-se. O homem tinha mais de 80 anos e erguia a cabeça de vez em quando, olhando o horizonte como quem meditava.

– Final de tarde é a melhor hora, não acha? – arriscou Rubens, sem cerimônia.

O senhor, que de tão concentrado nem percebera a aproximação, fez um leve aceno:

– O médico mandou evitar o sol.

E aí se viram, dentro d'água, começando uma prosa sem hora para acabar.

Rubens, por simpatia, abriu um sorriso:

– O senhor mora aqui no condomínio há muito tempo?

– Quem tem casa aqui é o meu filho, Maurício, conhece?

Rubens arregalou os olhos. Conhecia Maurício desde os tempos de faculdade. Como poderia ser? E puxou outro assunto, e mais outro. Em pouco tempo, o sol sumiu, deixando o mar quase prateado. Foi quando Rubens reparou que havia encontrado alguém especial.

O homem falava sobre tudo, da terra, do cultivo de jerimum, das formas de combater pragas em bananeiras, até sobre política e a beleza de se manter a cabeça ativa.

Perguntou o nome, e o homem, sorrindo, respondeu que todos o chamavam de “Seu Araújo”. Um senhor que, pelas rugas e o vigor ao mesmo tempo, intrigava Rubens.

Ao saírem do mar, cada um tomou o rumo de sua casa.

– Amanhã tem mais? – perguntou Rubens, meio tímido.

Seu Araújo fez um leve aceno de “quem sabe?”, mas, pela expressão, rubro ainda do sol poente, parecia já ter marcado o compromisso.

No dia seguinte, ao final da tarde, Rubens desceu. Viu o tal chapéu claro sumindo na onda, o rosto do idoso apenas um vulto. Mergulhou e foi até ele, como se cumprisse um ritual. Conversaram sobre agricultura familiar (Seu Araújo defendia a tese de que, com um pedaço de chão, ninguém passava fome), sobre os filhos (tinha orgulho de cada um deles) e sobre a esposa, Dona Nilza, sua companheira de vida.

Rubens ficava admirado com a empolgação do homem. Sentia nele uma energia que desafiava os oitenta e tantos anos.

Virou hábito. A partir dali, foram dois verões de risadas, de conversas que enchiam o mar de assunto. Rubens falava do próprio sítio, das cabras e das galinhas. Seu Araújo ensinava receitas caseiras para fungos, contava que torrava sementes de jerimum e vendia em pontos da cidade, pela crença de que “faz bem à saúde e mantém a vida da gente ocupada”.

Certa vez, Rubens o chamou para ir pessoalmente ver uma praga da bananeira no seu sítio. Desta vez, foram na companhia também de Maurício. O senhor abaixava-se, revirava folhas secas, olhava o amarelado das bananeiras com um ar de quem planejava salvar todas as plantações do mundo.

No domingo, de volta ao mar, Rubens perguntou se ele descobrira alguma solução.

– Estou quase lá – soltou Seu Araújo, piscando.

Só que, antes que pudessem retomar o assunto, a vida deu outra volta e Seu Araújo não apareceu mais na praia.

Quando, meses depois, Maurício contou que o pai adoecera e partira, Rubens sentiu o golpe. Tão forte parecia aquele senhor, tão ativo, tão cheio de ideias, que não combinava com a morte.

Rubens, que perdera o pai ainda na adolescência, sentia no idoso aquele carinho e sabedoria que lhe lembravam a figura paterna.

– Meu pai também era autodidata, gostava de ler, sabia de tudo um pouco. Ele via em Seu Araújo um reflexo daquilo que poderia ter sido seu pai na velhice.

Ainda hoje, nas orações silenciosas que Rubens faz pelos que ama, Seu Araújo ganhou um lugar. Quem diria que dois verões de banhos de mar poderiam marcar tanto?

Com seu jeito tranquilo e entusiasmado, Seu Araújo comprovou que nunca é tarde para fazer amigos nem para dar conselhos sobre bananeiras ou falar da família com orgulho.

NO EMBALO DA RÁDIO SIESTA



Em Maria Farinha, era de praxe: depois do almoço, na hora da *siesta*, lá estava Seu Araújo, deitado na grama em frente à casa, chapéu cobrindo o rosto, rádio chiando línguas que ninguém entendia. Chinês, japonês, francês, árabe, inglês, tudo saía daquele radinho como se fosse estação de outro planeta, e ele, ali, em silêncio, captando o mundo inteiro.

Um dia, as crianças do condomínio vieram correndo, esbaforidas:

– Carol! Teu avô tá morto!

Mortíssimo, segundo elas. Mas era só Seu Araújo descansando. O corpo quieto, o espírito viajando nas ondas do rádio. Quando Carol perguntou, rindo:

– Voinho, tão falando o quê?

Ele nem abriu o olho, só ficou ali curtindo. Carol diz que, se pudesse, voltava no tempo. Vivia tudo de novo, do jeitinho que foi. E viveria mesmo. Quem teve Seu Araújo como voinho sabe que uma vida só não basta. É preciso duas. Uma pra aprender... e outra pra agradecer.

FINITUDE COM ALTIVEZ

Mariana sempre viu o avô como uma rocha. Era firme, altivo, imbatível, aquele tipo de homem que parecia não adoecer, que enfrentava tudo com uma elegância só dele. Mas teve um dia que a vida resolveu mostrar a ela um outro lado, mais delicado, mais humano.

Ela o acompanhava numa consulta médica. Tudo ia bem, até que Seu Araújo foi ao banheiro. Demorou um pouco mais que o usual. Quando voltou, veio caminhando com calma... e a camisa abotoada toda errada. Botão fora de casa, colarinho torto, um lado mais alto que o outro.

Mari sentiu um nó na garganta. Não era só a blusa errada. Era a primeira vez que ela via o avô frágil. Mortal. E ali, no meio do consultório, foi como se um tempo novo tivesse começado, o tempo em que ela é quem precisava cuidar de quem sempre cuidou dela.

Em outra ocasião, quando Seu Araújo já estava internado no hospital, um enfermeiro se aproximou e, falando alto demais, perguntou se ele estava ouvindo direitinho. Seu Araújo respondeu com um tom seco, mas cheio de sabedoria:

– Estou velho, não estou surdo.

A finitude podia até estar batendo à porta, mas ele, como sempre, a recebia com altivez. Sem drama, sem pena. Apenas com a lucidez de quem sabe o valor de cada segundo vivido.

O ÚLTIMO "TCHAU, NARCIDES"

Depois de quase seis décadas lado a lado, era como se a vida tivesse se acostumado a ver um no reflexo do outro. Onde estava Dona Nilza, logo se adivinhava Seu Araújo. E onde estava ele, ela não tardava. Eram diferentes nas crenças, no temperamento e nos modos, mas iguais na fidelidade que não precisava ser anunciada.

No fim, até a despedida calhou de ser parecida. Deixaram o mundo com apenas 13 dias de distância. Os dois no mesmo andar, do mesmo hospital. Parecia coisa combinada, dessas que se acertam sem palavra.

Seu Araújo já estava em coma quando ela, mesmo frágil, insistiu em visitá-lo. Chegou numa cadeira de rodas, com o corpo vencido, mas com a força de sempre nos olhos. Trazia junto um balão de oxigênio. O fôlego podia falhar, o amor não.

Entrou no quarto, parou ao lado da cama, olhou pra ele com aquele olhar de uma vida inteira. Não pôde conversar nem segurar sua mão firme como antes. Mas ao sair, virou-se e disse, com a voz que ainda restava:

– Tchau, Narcides!

Foi um tchau alto, inteiro, sem lamento. Um tchau de quem sabe que amar é acompanhar até o último passo, e além. Naquela despedida corajosa havia toda uma vida resumida num aceno.

Talvez seja mesmo verdade o que dizem. Há amores que não cabem na terra sozinhos. E por isso, quando um vai, o outro não demora, como se entendessem que o melhor lugar do mundo é onde o seu par está.

DOIS PÉS DE SAUDADE

Artur fazia um intercâmbio na Nova Zelândia quando a notícia chegou: Seu Araújo tinha partido. Ele e sua *host mother*, Sandy, combinaram que na volta de uma viagem já em curso à Ilha Sul plantariam uma árvore em homenagem ao avô, tradição dos Maoris, povos originários da Oceania.

Poucos dias depois, ao chegarem em casa em uma noite chuvosa na cidade de Wellington, outra notícia que ninguém queria ouvir:

– Acho que Dona Nilza está querendo se juntar a Seu Araújo... – disse Sandy.

Decidiram, então, que seriam duas árvores. Uma para cada um dos avós. Lado a lado, como haviam estado Dona Nilza e Seu Araújo em vida. Da mesma espécie, mas de cores diferentes, para florescerem juntas quando o inverno passasse.

Curiosamente, na semana seguinte, choveu só por dentro. Porque lá fora, contrariando o clima da estação, o sol apareceu com força em pleno outono. Coincidência ou sinal? Artur não sabe. Mas sentiu que o calor voltava devagar.

No domingo, ele e Sandy foram a Churton Park escolher as mudas. Ela pagou pelas plantas e, na hora do plantio, tentou pronunciar o nome dos avós de Artur com seu sotaque carinhosamente desajeitado. Foi o suficiente para arrancar de Artur a primeira risada em dias.

Desde então, algo começou a mudar. Ele, que andava mais fechado, voltou a se abrir. Ficou mais sociável no colégio, voltou a escutar música, arriscou até cantar. O quarto... bom, o quarto bagunçado ainda precisava de atenção – mas até isso parecia mais leve.

– Às vezes, precisamos de tempos de chuva para dar valor ao sol – diz Artur, iluminado pela florida recordação dos avós.



LÁ ONDE TUDO COMEÇOU



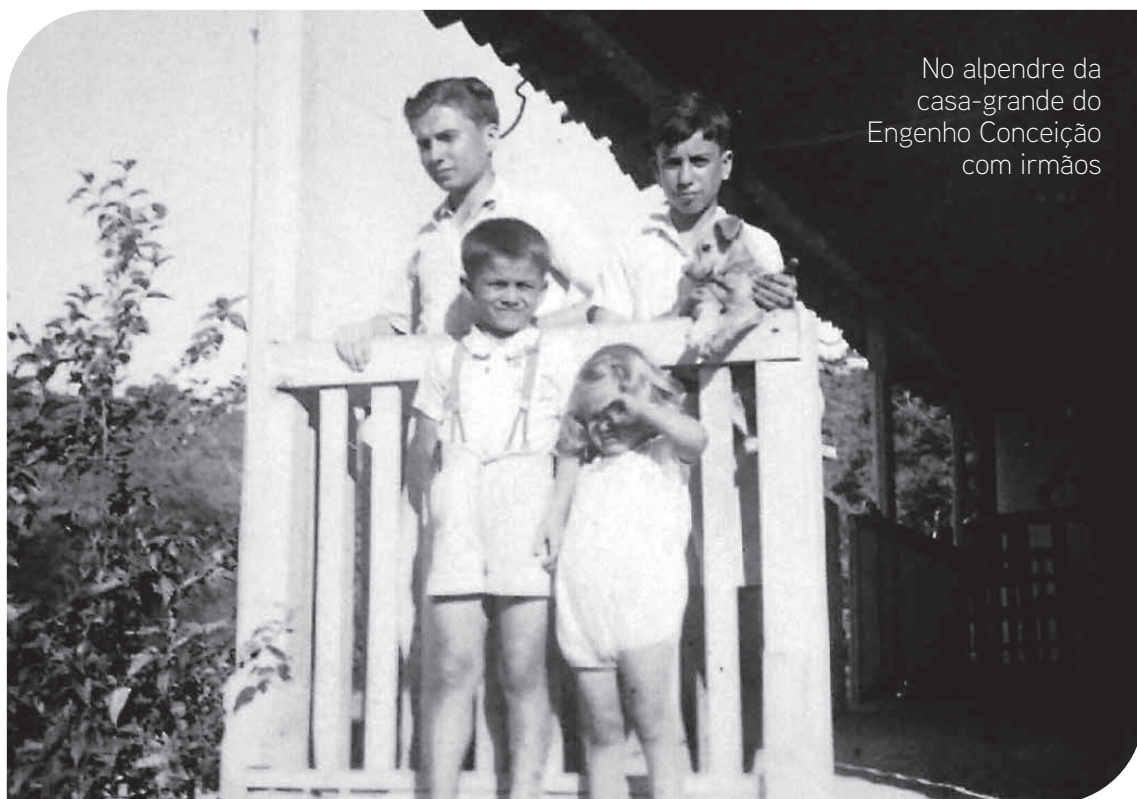
Com os pais e irmãos no Engenho Conceição

Narcides com
irmãos e irmãs





Os pais: Seu Toinho de
Conceição e Dona Tacinha



No alpendre da
casa-grande do
Engenho Conceição
com irmãos



Com seu pai e família



Com seus irmãos

CONSTRUINDO E CULTIVANDO A FAMÍLIA



No Açude de Dois Irmãos com Nilza



Na margem do
Açude Apipucos



No Açude de Apipucos



Seu Toinho com Maria
Laura nas Graças



Remando no Açude de Dois Irmãos



Com os filhos na praia



Com os filhos e sobrinhos nos 15 anos de Laura



Em um evento formal



Na sua formatura em Letras



Com a família na formatura de Maurício



O sorriso de dever cumprido



Duas referências para ele: Nilza e Dona Inácia



No Aniversário de 91 anos de Dona Inácia

O FASCÍNIO PELO CHEIRO DO MATO



Na granja de Seu Andrade, em Igarassu



Exibindo, orgulhoso, seus troféus



Curtindo o campo



Fazendo uma trilha em Aldeia



Plantando no Canto Alegre, em Aldeia



Na moita do Engenho Conceição



Em Belo Jardim, contrariando o caseiro que dizia que “naquele barro de louça não nascia nada”



Passeio a cavalo em Tibau do Sul



Dando vida ao “Museu da Cana” na granja de Clóvis Lima



No sítio da irmã no Rio de Janeiro



Exercitando seu lado de homem do campo



Na trilha, passo a passo...



Na fazenda de Clóvis Lima



Em Canto Alegre, Aldeia



O pé de macaxeira no Edf. Villa Vinhedo

VIVENDO OS BONS MOMENTOS COM A FAMÍLIA E AMIGOS



Em Maria Farinha, nos seus 80 anos, com filhos e noras



Soprando as velas



Dando o primeiro pedaço do bolo para Nilza



Com Nilza e as amigas Luzilina e Iolanda



Com o Reverendo Edijece nos 50 anos da filha



Com seu amigo, o médico Pedro Araújo



Com seu irmão Neritonio



Nas bodas de prata do sobrinho Beto



Com o sobrinho Alexandre



Com o amigo Neco



Com os irmãos



Com a irmã Neide no seu fusca



Com Maria Laura, a irmã Neide e Romeu



O casal com Eveline, Paulinho e Artur



Nilza e o bloco carnavalesco da hidroginástica



Com a nora Eveline e o neto Artur



Com as irmãs



No batizado da neta Mariana



Recebendo os sobrinhos em casa



Com a neta Mariana



Com o neto André



Com a neta Carol



Com os netos André, Carol e Pedro na casa de Maurício e Bila, em Belo Jardim



No seu apartamento, com a irmã Neide e os netos Carol e Pedro



Levando Maurício, Bila, Carol e Pedro ao aeroporto



Com o neto Artur



Descansando



Relaxando em casa



Acordando depois de descascar cocos



Sob o sol, protegido pelo seu chapeuzinho



Com Nilza no Parnamirim



Com a neta Carol



Com Pedro na barragem de Belo Jardim



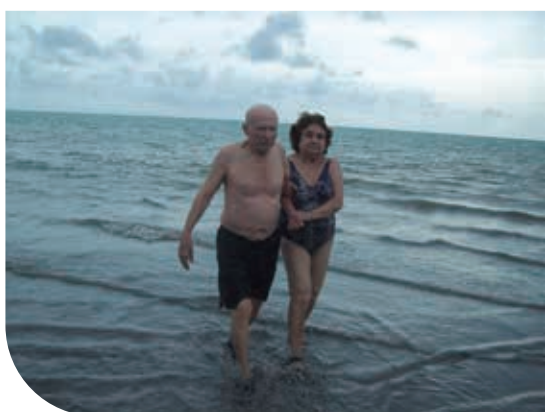
Passeio de minibuggy com Carol em Belo Jardim



De bicicleta no Parque da Jaqueira



Banho de mar com Nilza em Maria Farinha



Artur na Nova Zelândia e as mudas representando os avós que se foram

NA SERRA DO PIRAUÁ, REENCONTRO COM SUA TERRA



BODAS DE OURO



Em Fernando de Noronha - a maior festa era estarem juntos





COM NILZA, PARA SEMPRE



No meio das plantas, em Belo Jardim



Permitindo-se dançar



Encabulado, mas feliz



Em meio à pitangueira, no apartamento do Parnamirim

AGRADECIMENTOS

Este livro só foi possível graças a todas as pessoas que compartilharam suas memórias sobre Seu Araújo. Cada depoimento ajudou a compor esta homenagem feita de afeto, humor e saudade. Nosso profundo agradecimento a quem contribuiu com suas lembranças para contar esta história.

NORAS

Bila Maria Carvalho Araújo
Eveline Dutra

NETOS

André Araújo d'Oliveira
Artur Dutra Araújo
Ana Carolina Carvalho de Araújo
Mariana Araújo d'Oliveira
Paulo Otávio Macedo Filho
Pedro Henrique Carvalho de Araújo

IRMÃO

Neritonio Andrade de Araújo

PRIMAS

Alair de Andrade Araújo
Erci de Araújo Melo
Ivonete de Andrade Araújo
Jisete Paschoal de Araújo Lima
Maria Laura Araújo de Amorim

SOBRINHOS

Alberto Guilherme de Mendonça
Furtado Filho
Alexandre Andrade de Araújo
Ana Carina Araújo

Ana Lúcia Furtado de Mendonça
Angela Claudia de Andrade Araujo
Eduardo André de Mendonça Furtado
Keila Jerusa Arruda de Araújo
Marcelo Augusto de Mendonça Furtado
Nilton Andrade de Araujo Filho

AMIGOS

Albertina Viana Wanderley
Alexandre Fontoura
Anderson Augusto
Athenas Tavares
Brenda Braga
Edijéce Martins Ferreira
Eduardo Tavares de Melo
Eugênio Tavares de Melo
Francine Villares
Graziani Gervásio Fonseca
Gustavo César Santos de Souza
Jovina Carvalho Wanderley de Araújo
Jurandir Barros
Luzilina Ribeiro D'Albuquerque
Manoel Gusmão Amorim
Marcelo Leitão
Maria do Rosário Gusmão de Albuquerque
Maria José de Souza
Maria José de Souza (Baixinha)
Reginaldo Firmo de Albuquerque Neto
Rodolfo Ferreira Lima
Rosinere Santos
Rubens Dantas
Tereza Braz
Tereza Guimarães
Uziel Buarque Wanderley